



FANATISMO ORGANIZADO

A RIVALIDADE ENTRE AS DUAS MAIORES
TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL DA
BAHIA

ERIC LUIS CARVALHO

Confesso que o futebol me aturde, porque não sei chegar até o seu mistério. Entretanto, a criança menos informada o possui. Sua magia opera com igual eficiência sobre eruditos e simples, unifica e separa como as grandes paixões coletivas. Contudo, essa é uma paixão individual mais que todas.

Carlos Drummond de Andrade

Pode haver futebol sem jogador, mas não sem torcida. Devíamos erguer-lhe uma estátua à porta dos estádios brasileiros. O futebol só começou a ser histórico quando apareceu o primeiro torcedor.

Nelson Rodrigues

Não há nada menos vazio do que um estádio vazio. Não há nada menos
mudo do que as arquibancadas sem ninguém.

Eduardo Galeano

Vai ficar terror, começou a guerra Imbatíveis e Bamor.

MC Arte

Capítulos:

1- “O terror vai começar” - O marco zero: O nascimento de uma perigosa rivalidade.....	7
2 - “Nosso Bonde é só lazer” - O ideal das Organizadas: O que pensam e como agem.....	13
3 - “Sai do chão, a maior do Nordeste” – A relação de devoção: Quando o amor a torcida é maior do que o amor ao clube.....	19
4 - “Pula no estádio troca tapa e sai cantando” - O culto à violência: A relação de devoção à torcida organizada.....	22
5 - “Maior da capital, notícia na tv, na capa do jornal” – Torcida e mídia: A importância de ser notícia.....	26
6 - “Irmãos de sangue cantando esse refrão” - Os holligans de Cristo: A história de dois irmãos e a influência de uma organizada em suas vidas	30
7 - “Bonde sinistro, disposição: tem faca, caseira, pistola e rojão” - O triste legado: Casos de violência	36
8 - “Se bater de frente eu vou ser seu pesadelo” – O canto de dor: Outros casos de violência	40
9 - “Todo ‘imbatível’ é irmão” - Família grande é complicada: A dificuldade de gerir uma torcida.....	44
10 - “Quem segura o porta estandarte tem arte” - O contra-ataque: As ações do estado.....	47

Bola em jogo

Conta a lenda que pouco antes do nascimento deste torcedor-autor, sua mãe jogava bola no meio da rua. Versão que hoje é negada pela genitora, mas que ainda assim, costume propagar como explicação para a minha relação tão próxima com o futebol.

Desde que pisei os pés pela primeira vez em um estádio, sempre fiz questão de assistir não só ao show que ocorria em campo, mas também ao das arquibancadas. E foi este espetáculo que me fez, ainda quando moleque, passar do então setor designado à torcida mista, atrás do gol da ladeira no estádio da Fonte Nova, para o lado esquerdo do estádio, àquela torcida cheia de bandeiras e que fazia um barulho enorme durante todo o jogo.

Diferente do resto do estádio, eles não sentavam sequer um minuto. Empurravam o time com uma empolgação contagiante, quando o restante da torcida cantava em coro alguma canção, com certeza ela tinha começado lá. Ao longo dos anos, meu saudoso avô foi deixando de frequentar o estádio, e eu, agora solitário (mas nunca sozinho!), fui “andando” pelas arquibancadas até chegar ao lado daquela torcida que pulava durante os 90 minutos e fazia um dos refletores da Fonte Nova balançar. Era incrível. Como disse certa vez Caetano Veloso, “ver a Bamor é uma experiência única”.

Mas eis que em uma das tantas idas, ao também aconchegante, estádio do Barradão vi naquelas arquibancadas um espetáculo que achei tão grandioso quanto o visto na Fonte Nova. Era como se a torcida que me encantara vestida de azul, vermelho e branco agora vestisse vermelho e preto. A mesma empolgação, alegria e demonstração de amor ao clube podiam ser vistas ali. E apesar de não ter sido dito por Caetano, garanto. Ver os Imbatíveis nas arquibancadas também é experiência única. Aquelas duas torcidas eram capazes de emocionar qualquer um, independente da relação com o futebol. Aos apaixonados pelo esporte aquilo soava ainda mais forte. Tão arrepiante quanto ouvir os ingleses do Liverpool cantarem em Alfield, seu estádio, a uma só voz “you never walk alone”, ou ainda os cariocas do Vasco Gama relembrando suas lutas contra o racismo e a desigualdade.

No entanto, o tempo passou e algo estranho passou a pairar no ar. Aquele espaço reservado para a torcida mista, onde cresci acompanhando os jogos na Fonte Nova, inclusive os Bavis, foi aos poucos desaparecendo. Antes de deixar de existir, foi palco de um grande e triste confronto, justamente entre aquelas duas torcidas que, até esse momento, eram apenas exemplos de empolgação.

Quando a velha Fonte Nova fechou suas portas em 2007, o local reservado já não existia, era ocupado por um cordão de isolamento feito pela polícia. Era nítido, algo estava errado. A morte de um torcedor, assassinado covardemente em 2006 foi o estopim necessário para concluirmos que algo precisava ser feito. Menos de um mês após o triste acontecimento, aquela torcida que outrora me encantou, através de um canto, celebrou o feito de ter tirado a vida de alguém.

O encanto transformou-se em vergonha e trouxe consigo questionamentos sobre o porquê deste culto à violência. A intenção de FANATISMO ORGANIZADO não é achar culpados, até porque estes fazem questão de aparecer sem auxílio algum. A intenção é apresentar fatos, tentar entender o processo, demonstrar que entre os sempre acusados de vandalismo há também quem se preocupe com o próximo e, por fim, contribuir no sentido do debate, apresentando diferentes idéias e pontos de vista sobre as formas de amenizar o problema. De 2006 a 2010 recolhi dados, fiz pesquisas, entrevistas, fui a jogos, passei horas, dias e madrugadas em fóruns no Orkut e outros sites de relacionamento. O resultado está disponível nas próximas páginas dedicadas aos verdadeiros heróis das arquibancadas.

“O terror vai começar” - O marco zero: O nascimento de uma perigosa rivalidade

Estádio da Fonte Nova, 14 de maio de 2006. Bahia e Vitória faziam o tradicional clássico Bavi, pela semifinal do Campeonato Baiano de Futebol de 2006. Aquela partida foi vencida pelo Vitória, de 1 a 0, gol marcado por Jean. Porém um fato significativo não foi percebido pela maioria dos milhares de torcedores que lotavam o estádio, justamente por não ter ocorrido no gramado, e sim nas arquibancadas.

Em determinado momento da partida, próximo ao fim do primeiro tempo, quando o jogo ainda estava 0 a 0, a principal torcida organizada do Esporte Clube Vitória, a Torcida Uniformizada Os Imbatíveis - TUI – entoou um canto em que saudava a um ex-integrante morto. A canção dizia: *“Tô revoltado porque, fizeram uma covardia, ele não pôde se defender, mais uma vida se vai. O mano Hermílio era TUI, sangue bom ele era demais. Eu tô boladão, cheio de revolta, com saudade. Os Imbatíveis até hoje chora. Disposição, era nós a ‘vera’. Era considerado por toda galera. Ele era Leão, nós lembramos com carinho. O Hermílio era nosso irmãozinho “(sic)*

O canto saudava o “Hermílio eterno”, ou Hermílio Ribeiro Júnior, tido como um mártir pela organizada da qual era membro. Hermílio, na época com 19 anos, é considerado pelas estatísticas da imprensa e do estado, como a primeira morte relacionada à guerra entre torcidas organizadas no estado da Bahia.

A prova da guerra declarada pode ser ouvida naquela mesma tarde. Minutos depois da torcida do Vitória cantar por seu membro, a resposta foi dada por integrantes da Torcida Organizada Bamor, principal organizada do Esporte Clube Bahia e maior rival dos Imbatíveis. A constrangedora resposta, talvez justamente pelo teor de insanidade, não foi cantada pela maioria dos membros da Bamor, porém muitos torcedores, organizados ou não, ouviram claramente o canto que dizia *“o Hermílio eterno, quem matou fui eu.”*

Hermílio foi vítima de uma emboscada no dia 12 de abril de 2006, quando voltava do Estádio Manoel Barradas, o Barradão, onde acompanhou a partida entre Vitória e Cruzeiro, pela Copa do Brasil

daquele ano. Supostos torcedores da Bamor, agrediram Hermílio e o amigo Raiuga Eugênio de Souza, que também foi esfaqueado, mas conseguiu escapar. Segundo o sobrevivente do atentado, os acusados ainda levaram uma faixa da TUI e um aparelho de som que ele carregava.

Hermílio foi atingido por três facadas: duas no abdômen e uma nas costas, próxima ao rim direito. Ficou dez dias internado em estado grave no Hospital Roberto Santos, onde não resistiu e morreu na noite do dia 22 de abril. Logo após o incidente, antes mesmo de confirmada a morte do torcedor, supostos membros da Bamor, utilizando pseudônimos, passaram a assumir a autoria do crime nos fotologs e fóruns das organizadas na Internet – atitude comum de organizações terroristas.

No fotolog do Comando que Hermílio fazia parte, o 12º, comentários de supostos integrantes da organizada rival assumiam a autoria do crime, se vangloriando do homicídio. “Aaaah mané não mexe comigo q a chapa eskenta agora tu vai chorar no inferno o bonde eh neurotico sem kô eh noix porra bamor 9º dst o terror do hermilio (sic)” dizia uma das mensagens assinadas por torcedores rivais.

Membros da TUI também comentaram jurando vingança. “Vou pegar um por um rebanho de desgraça começou a verdadeira guerra tah ligadu, e naum pesse que e bricadeira naum falow, vou na casa de um por um e vou matar todos! (sic)” respondeu um dos integrantes da torcida do Vitória.

Apesar das evidências, incluindo o depoimento dado por Raiuga à Polícia Civil, atestando que integrantes da Bamor foram os culpados pela emboscada, há quem discorde de que a morte de Hermílio tenha relação com as torcidas organizadas. Para o comandante da Polícia Militar da Bahia, Coronel Mascarenhas, que na época da morte de Hermílio chefiava o CPC - Comando de Policiamento da Capital, não havia provas suficientes para garantir que a morte do torcedor estava relacionada ao confronto entre torcidas organizadas.

Da mesma forma se manifestou Cristovão Contreiras, diretor da

Bamor, que foi além. Para ele os responsáveis pelo assassinato do torcedor eram integrantes de gangues de rua, e ainda que em comunidades nos sites de relacionamentos supostos membros de sua torcida afirmem que foram os responsáveis pela morte do “primeiro de muitos”, ele nega.

Segundo, Cristovão, Hermílio era uma pessoa que procurava estar envolvida em confrontos. “Eu procurei me informar. Ele procurou a morte dele” completou o diretor da Bamor. O certo é que após a morte de Hermílio, a Polícia Militar passou a intensificar as ações de repressão às torcidas organizadas. Entre as medidas da PM, estão a distribuição de tropas em pontos específicos e acompanhamento especial para as torcidas Bamor e Imbatíveis. As atividades são feitas em parceria com o Grupo de Atuação Especial em Combate às Organizações Criminosas e de Investigações Criminais (GAECO), do Ministério Público Estadual. Para o Coronel Mascarenhas, a violência não parte dos verdadeiros torcedores e sim de marginais infiltrados na torcida. Para ele, as novas medidas têm relação direta com a diminuição dos índices de violência. No entanto, a diminuição que o Coronel se refere é em relação à ocorrências nas proximidades do estádio e em dias de jogo, porém os atos violentos em terras baianas já dá sinais de que rompeu tais fronteiras, sendo a tocaia contra Hermílio feita a quilômetros do estádio onde ocorreu o jogo, um exemplo.

A tragédia com o jovem, apaixonado pelo Esporte Clube Vitória e pela torcida da qual fazia parte, chamou a atenção de órgãos como o Ministério Público, Assembleia Legislativa e outros da sociedade civil baiana, para um grave problema que precisa ser encarado. Um detalhe ou uma infeliz coincidência é que a morte de Hermílio ocorreu justamente no ano em que o futebol baiano viveu o seu pior momento no cenário nacional. A dupla BaVi disputou a Série C, terceira divisão do país.

Da rivalidade pacífica ao campo minado

Até o final dos anos 90, o futebol baiano sempre foi considerado por torcedores “comuns” e imprensa em geral, como um território pacífico. Exemplos de violência no esporte já eram noticiados

há alguns anos pelo sul do país, como a tragédia do Pacaembu em 95, onde torcedores do São Paulo e Palmeiras se enfrentaram ao vivo em rede nacional, e os sempre presentes casos de violência envolvendo torcedores ingleses, mas a Bahia ainda mostrava sinais de imunidade.

As torcidas organizadas baianas já existiam, entre elas, a Bamor, do Esporte Clube Bahia, fundada em agosto de 1978 por um grupo de estudantes do Colégio Marista, liderados por Zé Augusto, o Zé Povinho, e Oscar. Ao longo dos anos, o grupo cresceu e se tornou a principal torcida organizada do clube e uma das principais do nordeste. No entanto, em 1995 viveu sua maior crise interna. A eleição para presidente causou uma divisão na diretoria. Na época, a nova direção da Bamor criou um estatuto no qual o presidente deveria ser eleito e não escolhido. A modernização resultou em uma diretoria e, conseqüentemente, uma torcida mais jovem. Segundo a diretoria, a torcida tem hoje cerca de sete mil membros cadastrados. Mas como esses dados não contam com uma atualização há alguns anos, é impossível a confirmação do número.

A Bamor, que já foi eleita pela Revista Placar - principal publicação esportiva do Brasil - como a maior torcida do Nordeste, tinha até o final dos anos 90 como principal “rival” a Leões da Fiel, na época principal organizada do Esporte Clube Vitória. Fundada em fevereiro de 1984, a Leões da Fiel foi por muitos anos dona do status de maior torcida organizada do Vitória e chegou a ser considerada a maior do estado. Idealizada por Carlisson Raimundo Pereira da Silva, o Carlinho, a Leões da Fiel viveu seu maior momento em 1993, quando recebeu o prêmio de melhor torcida do Brasil pela Revista Placar. Neste mesmo ano, o Vitória chegou a final do Campeonato Brasileiro da primeira divisão, deixando pelo caminho grandes adversários, como o Corinthians.

Já no final dos anos 90 a torcida começou a passar por dificuldades devido a desentendimentos entre seus líderes, até que em 2008, já muito debilitada, juntou-se a outra grande torcida do clube baiano, a Jovem Rubro Negra, e, juntas, formaram a torcida Camisa 12. A cordialidade sempre foi marca registrada entre as torcidas dos times rivais

da Bahia, e um exemplo disso aconteceu no ano de 1985, quando Bamor e Falange Rubro-Negra, dividiram o prêmio de melhor torcida do estado, em uma premiação oferecida pela Federação Bahiana de Futebol e foram a campo disputar uma partida que serviu como preliminar de um BaVi na Fonte Nova.

Em outubro de 1997, sob o pretexto de que o Vitória necessitava de “uma torcida mais atuante e que honrasse e defendesse sempre o Esporte Clube Vitória em qualquer situação, com coragem e independência” surge a Torcida Uniformizada Os Imbatíveis (TUI), idealizada por quatro rubro-negros, Fábio Menezes, Rubem Marques Filho, Flávio Sá e Marcus Anunciação. A torcida nasceu de uma dissidência de membros da Torcida Jovem do Vitória, criada em 1992. Já na estréia, a torcida contava com cerca de 100 membros, todos uniformizados e cadastrados. A torcida foi ganhando cada vez mais adeptos e atualmente conta com 2.300 membros cadastrados.

Com a decadência da Leões da Fiel, assumiu o posto de maior torcida organizada do Vitória. Paralelo ao crescimento da TUI, a violência passou a ser uma constante no futebol baiano, vide alguns dos casos que serão mostrados ao longo deste livro. No entanto, apontar apenas o crescimento de uma torcida como principal motivo para o crescimento da violência na quarta maior cidade do país parece ser um argumento raso. Um exemplo disso, é um levantamento realizado pelo Ministério da Saúde entre 2000 e 2004, em cidades com população superior a 100 mil, que colocou Salvador entre os locais onde há maior risco à vida por causa externa (homicídios, mortes por arma de fogo sem causa determinada, suicídios e acidentes de trânsito).

Os primeiros confrontos

No blog Bahêa Minha Porra, o torcedor Cássio Nascimento fez um apanhado histórico, destacando que Salvador está mais violenta do que há cerca de 20 anos atrás, e que os primeiros confrontos entre torcedores aconteceram antes da criação dos Imbatíveis. Cássio lembra que quando havia BaVi, muitas vezes a Torcida Jovem do Vitória “provocava e tentava chamar o pessoal da Bamor para a briga e vice-versa. Eles (da Jovem) eram em menor número, porém muitas vezes bastante agressivos. Entretanto,

não se viam tantas brigas como hoje, e quando havia, eram restritas aos arredores e interior da Fonte Nova, rapidamente contidas pela polícia.”

O torcedor também relembrou confrontos envolvendo torcidas do sul do país. “Em 1993, no jogo Bahia 1×3 Corinthians, pelo Brasileiro, a Bamor foi atacada pela Gaviões da Fiel ao lado do atual Bompreço da Fonte Nova com paus e pedras. Houve revide e alguns membros de ambas torcidas foram detidos” conta o torcedor.

No entanto Cássio, que foi integrante da Bamor entre 89 e 94, garante que apesar, destes episódios isolados, nunca presenciou membros da Bamor orquestrarem ataques às torcidas adversárias, “no máximo alguma atitude de um membro mais revoltado em particular.” A partir da implantação da nova diretoria, a Bamor passou a se dividir em distritos e passou a utilizar a figura do Taz, personagem da Warner Bros, nas camisas. Os Imbatíveis, que têm como mascote a figura do Capitão Caverna, são responsáveis por trazer aos campos baianos cânticos e slogans de torcidas do eixo Rio e São Paulo.

Nos últimos anos, Bamor e Imbatíveis passaram a travar verdadeiras e violentas batalhas, dentro e fora dos estádios. Pelas ruas pichações passaram a serem usadas para demarcar território. A situação já é grave em alguns bairros, onde pessoas vestidas nas cores da torcida adversária correm risco de vida. Encontros para brigas são marcados pela internet e a rivalidade que há muito já deixou o plano do esporte, parece tomar contornos incontroláveis.

“Nosso Bonde é só lazer” - O ideal das Organizadas: O que pensam e como agem

“Nosso bonde é só lazer” garante um integrante da torcida Bamor, parafraseando uma canção da organizada que apesar do pacífico recado inicial, já traz nos versos seguintes, uma ameaça: “se mexer com meu Bahia, você vai se arrepender”. Apesar da fama, o ideal passado do topo da pirâmide das organizadas, nada tem a ver com violência, pelo menos é o que garantem os presidentes tanto de Bamor quanto de Imbatíveis. Ambos fazem reuniões periódicas nas sedes das torcidas com os líderes de comando ou distritos, onde são passadas a estes a situação da torcida, como em assembléias de qualquer empresa. É o momento onde o associado toma conhecimento de como anda a sua torcida. Uma máxima sempre repetida nestes encontros é a política da antiviolência.

Diretores garantem que o assunto é repetido à exaustão. Além disso, manifestos contra a violência estão disponíveis nos sites das duas torcidas. Tanto Bamor quanto Imbatíveis têm em suas páginas na internet um selo, fruto de uma parceria com o Ministério Público Estadual, com a mensagem “Paz e Justiça – Nossa onda é torcer sem violência”.

O presidente da Bamor, Jorge Santana faz questão de deixar claro que não existe culto a violência. “Nosso lema diz ‘Ninguém nos vence em vibração’”, enfatiza. Segundo Santana, não há como confundir o trabalho feito pela torcida com qualquer tipo de ideologia de facção criminosa. “A gente não se enquadra como organização criminosa porque a gente faz um trabalho muito importante. Evitamos muitas brigas dentro da torcida; temos uma parceria com a Polícia Militar onde passamos informações para eles sobre esse tipo de coisa. O papel que a gente faz é totalmente diferente de uma facção criminosa. A gente não apóia violência, em nosso site. Também não divulgamos nada com relação a isso. Em nossa comunidade no Orkut foram expulsos quase sete mil por fazerem apologia à violência. Não permitimos que ninguém faça apologia à violência!”

Da mesma forma afirma pensar a diretoria dos Imbatíveis, num manifesto assinado no site da torcida, o “ideal” fica claro. “Sempre orientamos nossos integrantes a respeitar o próximo e principalmente o adversário. Temos

como bandeira a paz e justiça para todos, independente das camisas que vestem.” O texto define torcedores organizados como “uma associação de amigos e irmãos com ideologias parecidas” que gostam “de gritar do começo ao fim o nome do time do coração, de fazer uma festa à parte no estádio” e que jamais “vão ao estádio com o intuito de promover a desordem, de gerar violência gratuita, de cometer delitos contra o cidadão comum, de agredir fisicamente o torcedor rival e muito menos de tirar a vida de inocentes.”

O manifesto, que é assinado pelas principais torcidas do país, entre elas a Bamor, é também um dos únicos momentos, onde a diretoria de uma das torcidas cita a rival, ainda que não diretamente, para concordar em alguma circunstância – apesar do ideal de antiviolença, uma rivalidade velada entre diretorias é visível. A carta em defesa da paz nos estádio diz: “Por incrível que pareça neste ponto os nossos rivais pensam como a gente” e termina com a bandeira defendida por ambas organizações, ou ao menos por suas diretorias. “O Universo do Futebol é educação, cultura e principalmente alegria! A nossa onda é torcer sem violência!”

No entanto, o líder da maior organizada do Esporte Clube Bahia deixa claro os atuais problemas enfrentados por sua torcida e que tem relação direta com a crescente onda de violência entre torcidas. “Caso os atuais diretores deixem o comando nas mãos de determinados membros, a torcida passa a correr o risco de ser confundida com uma facção criminosa” conta Cristovão.

A declaração de Santana mostra que existem grupos espalhados pelos distritos da própria torcida com pensamentos destoantes da diretoria. “Hoje, o principal problema da Bamor é essa briga com a torcida do Vitória. Hoje nós temos cerca de 30 distritos, que chamamos de bairros, onde nós temos lideranças. Nós subdividimos em bairros para poder organizar, mas infelizmente o efeito foi contrário. Muitos bairros, não todos, cresceram demais e a passaram a não obedecer à ideologia da Bamor. Só para você ter uma idéia, existe bairros que apóiam torcidas contrárias as que a gente apóia, nos outros estados, só para bater de frente com a diretoria e criar rachas com os outros bairros. Estamos lutando para acabar com isso, já expulsamos muitos integrantes,

alguns bairros foram extintos, por causa dessa falta de organização.”

A falta de controle sobre os membros parece ser mesmo o principal problema enfrentado pelas diretorias das torcidas. Santana explica que “os distritos foram criados para centralizar e organizar as pessoas por bairro, para de lá irem juntos e se unirem nos estádios, sem precisar sair de um único ponto todos os associados”, porém a situação terminou ganhando outra via, como explica o dirigente da Bamor. “O que é que acontece é que o cara que torce pelo Vitória no bairro vê um distrito, aí ele cria o chamado comando, que é como eles (Os Imbatíveis) chamam as divisões deles. Aí começam a guerrear nos bairros e de lá seguem para os estádios. Muitas vezes em um clássico acontecem brigas nos bairros que a gente só fica sabendo três, quatro dias depois” conta.

A alegação de Santana tem fundamento. Em dias de clássico, tanto no entorno, como no interior do estádio, os números de ocorrências caiu, isso graças às intervenções feitas pelos órgãos responsáveis. O que faz com que os confrontos praticamente inexistam nos jogos realizados nos estádios Manoel Barradas o Barradão e Roberto Santos, o Pituacu. As organizadas são escoltadas pela polícia desde o ponto central de encontro até dentro do estádio, ocorrendo o mesmo na saída. Porém é a partir desta “liberação” que acontecem os confrontos, como garante o próprio presidente da Bamor, “fora do estádio, nas redondezas, o bicho pega e é difícil de controlar essa galera toda.” Este problema é confirmado por outros integrantes das torcidas. Apesar da negativa das diretorias de qualquer tipo de culto à violência, alguns membros sem cargo na organização, discordam e garantem que nas reuniões distritais a violência entra em debate de forma deliberada.

A Bamor possui pelo menos 30 distritos, e os Imbatíveis 23 comandos, cada uma destas sub-sedes pode ter entre 20 e 300 membros o que dificulta qualquer tipo de controle da diretoria sobre os membros (não existe número máximo, na TUI, a exigência para um novo comando, é o mínimo de 20 integrantes). Além disso, muitos dos integrantes do “bonde” sequer são mesmo membros, cadastrados e com algum vínculo com a torcida. Jeferson Santos*, ex-membro de um dos comandos considera-

dos como um dos mais violentos dos Imbatíveis, o UBC – União Bate Cabeça, formado a partir da união de comandos da organizada - garante que nas reuniões do grupo, a violência era sempre debatida e incitada. “Rola de tudo (nos encontros).” Perguntado sobre a afirmação dos membros da diretoria das torcidas sobre a política da anti-violência, o jovem responde: “E quem respeita? Ninguém quer saber de nada...” afirma. A fama é de conhecimento das autoridades e preocupa. O promotor do Ministério Público, Júlio Travessas, ressalta: “Não estou dizendo que torcida organizada é gangue, mas tem muita gente com espírito de marginal infiltrado ali.”

Uma paixão que custa caro

Onde quer que joguem Bahia ou Vitória, independente da região do país é comum vermos faixas de Bamor e Imbatíveis respectivamente, destacando a presença de seus integrantes. Quando o Vitória enfrentou o River Plate do Uruguai no estádio Centenário em Montevidéu, a faixa da principal torcida organizada do clube estava lá, assim como seus membros. No entanto, torcer custa caro, a maioria daqueles que acompanham o seu time onde quer que estejam financiam do próprio bolso, o “vício”.

Como a maioria das organizadas pelo país, as duas principais da Bahia cobram mensalidades, vendem camisetas e demais materiais de vestuário, além de chaveiros, flâmulas, e etc, com a intenção de arrecadar fundos para a sustentação das mesmas. Bamor e Imbatíveis possuem lojas oficiais onde comercializam estes produtos. A única ligação atual com os clubes é o fato destes disponibilizarem uma cota de ingressos para serem comercializados entre os organizados geralmente, por preços abaixo do valor oficial, na maioria das vezes é cobrado a valor da meia entrada.

No entanto, o presidente dos Imbatíveis garante que atualmente não há nenhuma parceria do tipo com o clube. No começo de 2010, o presidente da Bamor, Jorge Santana, fez declarações polêmicas em uma emissora de rádio de Salvador. De acordo com Jorge, a diretoria do Vitória estaria “subsidiando a violência” ao fornecer somente para os Imbatíveis, cerca de 700 ingressos por jogo. A “denúncia” causou polêmica e Gabriel respondeu

afirmando que em nome da independência em relação à diretoria do Vitória, a torcida não recebe nada do clube. “Não queremos nenhuma parceria com diretoria, pois sempre que preciso vamos protestar contra eles, caso alguma decisão prejudique o Vitória” disse o líder da TUI, para quem as declarações do presidente da Bamor foram “desequilibradas e invejosas”.

O caso fez a diretoria do Vitória, que assim como a do maior rival, dificilmente participa do debate sobre a situação das organizadas, se manifestasse. O vice-presidente do Vitória, Carlos Falcão utilizou números para esclarecer a situação. “700 ingressos por jogo e o Vitória daria R\$ 21 mil para os Imbatíveis. Nosso clube não dá dinheiro assim para ninguém”, disse Falcão em entrevista ao Jornal A Tarde, evidenciando que qualquer tipo de parceria do gênero entre time e organizada traria grandes prejuízos financeiros aos clubes, sem falar na renda que deixa de ser gerada devido a ausência de torcedores que por temerem a ação das organizadas, deixam de frequentar estádios, número que comprovadamente cresce cada vez mais.

Quem nunca viu bate palmas quando vê – A preocupação com o social

Dentro do estádio não há como negar, eles são pura vibração. O promotor responsável por investigar crimes relacionados às torcidas organizadas, Júlio Travessas ressalta: “Você vê que a Bamor empurra o time, a torcida comum perdeu a crença no Bahia”. Pois é, se Bamor e Imbatíveis estão presentes, a Bahia e Vitória jamais falta empolgação, mas basta o primeiro sinal de baderna e logo a fama de heróis das arquibancadas é colocada em segundo plano, dando lugar a uma que praticamente virou sinônimo de torcida organizada, a de vândalos, aruaceiros e criminosos. Afinal, quando o show é da torcida, raramente a organizada é citada, mas quando se trata de problemas seus nomes são bastante evidenciados. No entanto, se é desta forma que eles costumam aparecer, é de outra que eles dão um belo exemplo de civilidade.

Eles promovem campanhas de doação de sangue, de alimentos, agasalhos, materiais de construção e limpeza. A Bamor tem uma escolinha de percussão no Dique e as crianças que se destacam tocam na bateria da

torcida, além de receberem ajudas financeiras e doações, ajudam também alguns orfanatos e creches. Os Imbatíveis também já realizaram campanhas semelhantes, assim como a caminhada da Paz, evento que tinha a intenção de chamar a atenção para o problema da violência através de uma caminhada onde todos deixassem de lado as cores dos seus times e vestissem branco.

“Sai do chão, a maior do Nordeste” – A relação de devoção: Quando o amor a torcida é maior do que o amor ao clube

“

“- E se o Bahia acabar? - Ai eu viro só Bamor!” A declaração feita aleatoriamente em um tópico em uma das comunidades do Bahia, no Orkut diz muito sobre a relação dos integrantes das torcidas com as instituições organizadas. Relação que em muitas vezes, evidencia, uma amor muito maior à própria organizada do que o amor ao próprio clube. No ano de 2009, o Bahia fez como nos últimos anos, uma pífia campanha no campeonato nacional da segunda divisão, afastando o torcedor do estádio.

Desta forma, o clube que chegou a ter em 2007, quando disputava a terceira divisão, a melhor média de público do país, com 40.400 torcedores por jogo, não conseguiu na temporada 2009, romper a barreira dos 15 mil pagantes por partida. Contudo, apesar da baixa média de público, a parte do estádio reservada à Torcida Bamor, jamais esteve vazio. O número pode até variar, mas mesmo nos piores momentos do time, eles sempre estiveram ali. No entanto, esse amor incondicional do torcedor da organizada, que para muitos deles, os diferenciam do torcedor comum, termina se confundindo com um sentimento de não abandonar a torcida e não o time em momento nenhum. “Eles não tão nem aí pro time. Vem pra cá pra ficar cantando música contra os Imbatíveis e pagando pau pra jogador. Se você for reparar, eles não cantam nem músicas de incentivo ao time, cantam músicas para exaltar os feitos deles”, desabafa um torcedor que pede para não ser identificado temendo represálias, enquanto assistia à Bahia e Campinense pelo Campeonato Brasileiro da segunda divisão, no estádio de Pituaçu.

Além das músicas citadas pelo torcedor, o amor maior à organizada é também colocada em prova nas atitudes e símbolos, que sempre procuram enaltecer à própria torcida. As bandeiras são um bom exemplo, a cada jogo um distrito ou comando exibe com orgulho uma nova criação flâmulando pelas arquibancadas, de Pituaçu ou do Barradão. Por mais que digam que a razão de tudo é o clube, fica evidente a paixão pela torcida que muitas vezes é excessiva. Uma das mais famosas bandeiras da Bamor se assemelha à bandeira do Brasil, porém o círculo azul que contém as estrelas e a frase “Or-

dem e Progresso” é substituído pelo escudo da torcida. Mas a maioria dos integrantes das organizadas nega que ocorra esta situação. “Nosso amor maior é ao Vitória, que é a razão de ser da TUI” diz uma integrante da organizada do Vitória, identificada apenas como Lorena. “Não gosto de dar entrevista, não. Coloca aí, Lorena Vida Louca” respondeu quando perguntada sobre como identificá-la na reportagem.

Porém, este amor desmedido pela organizada é alvo de muitas críticas do torcedor comum, para quem muitas vezes é impossível separar a fixação de muitos pela organizada que pertencem, da fixação pela violência. Para a torcedora Fernanda Varela, que não faz parte de nenhuma torcida organizada, é impossível entender o prazer pela violência. “É surreal uma pessoa ser esfaqueada porque torce pra outro time e ainda ter sua foto após o ato, exposta, como mérito, glória. É doentio, além de assustador. Lugar de marginal e criminoso, pra mim, é na cadeia. Não nas arquibancadas”, diz a jovem que complementa: “Muitos brigam simplesmente pelo fato de ver o outro com o material de uma torcida.”

O afastamento do torcedor não organizado

Uma característica muito atribuída aos organizados é de que se acham mais torcedores dos que os comuns, já que estão presentes na maioria dos jogos. Geralmente quando o time não vive uma boa situação, integrantes das organizadas vão a treinos e fazem cobranças, durante os jogos são responsáveis por “puxar” os principais gritos de incentivo e etc. No entanto o poder de liderança nas organizadas nos momentos de incentivo é visto de forma negativa a partir da relação delas com a violência, afastando o torcedor comum.

Uma pesquisa realizada pela TNS Sport Brasil no final de novembro de 2009 apresentou dados sobre o que pensa o torcedor comum em relação das torcidas organizadas brasileiras. Segundo o estudo que abrangeu todo o território nacional, seis a cada 10 brasileiros não vão a estádios de futebol por causa de torcidas organizadas. Segundo a pesquisa 61,07% dos torcedores aprovariam o banimento dessas facções.

As organizadas foram apontadas pelos torcedores como principais responsáveis pela violência nos estádios, recebendo 86% das citações sobre o motivo da ausência nos estádios.

“Pula no estádio troca tapa e sai cantando” - O culto à violência: A relação de devoção à torcida organizada

Os diretores das Organizadas podem até alegar que o ideal passado a seus pares é o de torcer sem violência, porém se depender dos cânticos entoados pelas torcidas nas arquibancadas, não é esta a impressão que se tem. “Pula no estádio, troca tapa e sai cantando, torcida Bamor, o terror do mano a mano” diz um dos principais gritos de guerra da Bamor, que assim como o “E se mexer com a TUI? A bala come!” dos Imbatíveis, são apenas algumas entre tantas canções de apologia à violência.

O diretor da Bamor, Cristovão Contreiras, garante que os cantos são uma cultura equivocada, mas já absorvida pela sociedade, para ele o culto à violência “representa algo muito mais folclórico do que uma real apologia”. A desculpa usada pelo diretor é comumente usada desde diretores de torcida à dirigentes de clubes quando questionados sobre a relação dos cantos com a violência. Donald Findlay, ex-vice-presidente do Rangers Gasglow, clube da Escócia, que joga contra o Celtic, do mesmo país, um dos clássicos considerados mais violentos do mundo, ao ser questionado sobre o tema, respondeu ao jornalista Franklin Foer, que as canções de culto a violência são tradições essencialmente inofensivas. “Trata-se de entrar na cabeça do adversário. É um jogo, está no contexto do futebol. Você quer ficar até o joelho de sangue feniano*? Não seja ridículo.”

O presidente da Sociedade Esportiva Palmeiras, Luiz Gonzaga Beluzzo, um dos economistas mais respeitado do país, foi flagrado cantando: Vamos matar os Bambis – em referência ao rival São Paulo - em uma festa da Mancha Verde, principal torcida organizada do Palmeiras. Portanto situações como estas, nos levam ao mesmo questionamento feito por Foer, no livro Como o Futebol Explica o Mundo. Quando estes torcedores falam de assassinato e terrorismo, é só brincadeira ou a expressão de consciências corrompidas?

A questão dos cânticos de culto a violência é vista de outra forma pelo presidente dos Imbatíveis. Gabriel Oliveira diz que as canções dos cds vendi-

dos no Barradão, com “funks da torcida” não são oficiais. “Esses cds não foram feitos oficialmente. O único cd oficial nosso é aquele de incentivo ao time e com músicas de amor ao clube. Os outros nós não nos responsabilizamos.”

Porém, é justamente “nos outros cds” onde encontramos a maioria das músicas cantadas no estádio do Barradão, como uma versão da música “Rap das armas” (que ficou conhecida no filme Tropa de Elite), na versão dos Imbatíveis, a estrofe “Morro do Dendê é ruim de invadir, nós com os ‘alemão’ vamos se divertir” é substituída por “Torcida Os Imbatíveis vou mesmo me sair, pistola, bomba e pedra pra te destruir” e sem deixar de anunciar que os artefatos devem ser usados nos rivais – aqui chamados de Bagay - conclamam “quebramos a Bagay, quando vem TUI ‘eles treme’”.

A lista parece infundável, afinal qual rubro-negro freqüentador do Barradão, nunca ouviu o hit das arquibancadas “Terror da cidade”, versão de “Descobridor dos sete mares” de Tim Maia, que carrega uma das mais violentas letras cantadas nos estádios baianos? A música diz:

*“Dentro do estádio é um problema,
Minha torcida faz os pilantra correr (vaza porra),
Os Imbatíveis tem um lema,
Pega a Bagay e dá porrada pra valer, (coitado né? É nós)
Quando os maluco tão bolado,
Acho melhor não encarar no Barradão, (bota cara)
Porque o bonde é preparado,
Vem de pistola, de caseira e de rojão,
Eu vou dizer,
Sou o terror dessa cidade, sou leão até morrer,
Os imbatíveis crueldade, e a bagay vá se fuder!” (sic)*

Não menos conhecido, o “Arrêia” da Bamor, tem um dos refrões mais executados dos estádios baianos, mas carrega na letra altas doses de violência.

*“Quebrando a TUI no pau
Invadindo o terminal
A Bamor não é brincadeira
O tiro de rojão, expulsando os alemão*

*Jogando a bomba caseira
O nosso bonde é forte
[...]Arrêia, a Bamor arrêia” (sic)*

Assim como a não tão popular entre os torcedores comuns “Se entrar no meu caminho” que faz referência aos artefatos usados nos combates, aos rivais chamados de “alemão” e ao mascote da torcida, o personagem da Warner Bros, Taz Mania - um diabo da Tasmânia, considerado um animal bastante violento. A canção diz “*Se entrar no meu caminho você vai se arrepender
É rocha, é pedra, não tem pra onde correr
A Bamor é o comando, não dispensa ninguém não.
Hoje o Taz está bolado, massacrando os alemão.*” (sic)

Nas letras carregadas de ameaças, até mesmo a polícia é citada, os responsáveis pela segurança são chamados pelos organizados de “os homi”. Um dos cantos da Bamor diz : “*No Ba-Vi o pau comia, os ‘homi’ apareceu
No meio da correria, TUI se fudeu*” (sic)

De acordo com o presidente da Bamor, Jorge Santana, muitos dos cantos, sequer são feitos pelos torcedores baianos, muitas das canções são importadas de torcidas aliadas. “Às vezes fazemos um canto aqui e ele vai parar no Rio Grande do Sul, do mesmo jeito, uma canção feita no Rio de Janeiro vem pra cá. Por isso existem as torcidas aliadas. São trocas de informações. Algumas coisas que a Bamor faz vem de fora. Até de torcidas de clubes rivais. Isso é uma coisa normal e natural” diz Santana.

Quem frequenta os estádios baianos, principalmente em dias de clássicos, pode tirar suas próprias conclusões em relação às canções de culto à violência. No ritmo das violentas canções, os bondes, como são chamados os grupos de torcedores rivais, marcham em direção uns aos outros em tons de provocação. Diante da preocupação da polícia, diretores e demais órgãos responsáveis, atualmente os confrontos nas proximidades do estádio são raros devidos aos cordões de isolamento. Ao

torcedor comum que observa a situação, fica a sensação de que a polícia naquele momento é a grande responsável por impedir uma tragédia de conseqüências seriíssimas. No entanto a maioria dos torcedores organizados entrevistados colocou a violência sempre como “conseqüência” da paixão que é torcer pelo seu time do coração. Mas sempre fazendo questão de deixar claro que não são de “correr do pau”. “Tem vezes que ou você vai ou vai, a conversa não vai resolver. Os caras já chegam querendo confusão. Aí é confusão na certa” diz Jeferson Santos, um ex-integrante da Torcida Os Imbatíveis, que continua. “fora os caras que querem fazer confusão mesmo pra aparecer né?” completa.

*Feniano foi chamado o movimento político pró-separação da Irlanda, surgido no século XIX. A palavra deriva do irlandês na Fianna ou na Fianna Éireann que na mitologia céltica referia-se a um grupo de guerreiros constituído para proteger a Irlanda. É desta forma que a torcida dos Rangers, composta de protestantes, se refere aos torcedores do Celtic, clube de católicos, grupo que integrava o movimento.

“Maior da capital, notícia na tv, na capa do jornal” – Torcida e mídia: A importância de ser notícia

Os estudiosos sobre a violência entre torcidas de todo o mundo apontam que a prática tem ligação direta com a juventude - no caso brasileiro essa incidência parece ainda maior. Por isso, a violência é vista como uma energia que encontra nos confrontos uma forma de ser dissipada. Mas, para eles, não basta libertar esta energia, é preciso que os outros saibam e aí entra em campo a divulgação, hoje alavancada pela internet, através de fóruns, sites de relacionamentos - principalmente o Orkut - e fotologs.

No livro “Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas”, de Tarcyane Cajueiro, o presidente de uma das maiores organizadas do país, a Gaviões da Fiel, Douglas Deúngaro, faz um relato onde mostra o comportamento dos membros das torcidas que se envolvem em confusões em relação à divulgação dos seus atos. “A violência é reflexo da sociedade (...) O cara é preso com uma bomba. Chega no curral toma um pau. (...) Aí, sai no outro dia na capa do jornal. Chega no outro dia, no bairro dele e no colégio, ele é o herói e arruma as minas. Ele é o exemplo pra um outro cara entrar com uma bomba outro dia, no estádio, porque não foi punido. Pelo contrário, ele ficou famoso porque a juventude hoje é assim: o cara é herói, as minas querem ficar com ele, todas as minas gostaram. Aí o outro viu: Ah, vou entrar com uma bomba, vou passar no jornal, ninguém vai me prender mesmo.”

É exatamente desta forma que pensam muitos dos integrantes de organizadas baianas. Em junho de 2005 na Fonte Nova, Bahia e Vitória disputavam o BaVi válido pela Série B do Campeonato Brasileiro, quando ocorreu um confronto entre organizadas dentro do estádio. Membros da Bamor se deslocaram rapidamente pelo anel superior do estádio, em direção lado oposto ao que utilizam habitualmente, seguindo para o local em que se encontrava a torcida Os Imbatíveis. Naquela tarde, o torcedor comum e a Bahia esportiva assistiram verdadeiras cenas de selvageria nas arquibancadas. Ao menos quatro bombas caseiras estouraram dentro do estádio e vários integrantes dos Imbatíveis foram atendidos com ferimentos causados pelo artefato.

No dia seguinte, o Jornal A Tarde, maior do estado, trouxe em sua edição, imagens daquele BaVi, que em campo terminou empatado em zero a zero, destacando as tristes imagens do confronto. Ainda nas primeiras horas da manhã, as fotografias do jornal que mostravam torcedores dos Imbatíveis fugindo pelas arquibancadas já estampavam várias páginas pessoais de membros da Bamor na internet, exibidas como troféus. “Corre TuiGay...”, “É nois”(sic), “Bamor aterrorizando”, “ toda vez é isto ainda diz que Fonte é só lazer uma desgraça” (sic) eram frases que podiam ser vistas nos diversos posts sobre o incidente.

A exibição dos “troféus” pós-confronto é uma marca registrada nas torcidas. As bandeiras e camisas das torcidas rivais são exibidas com orgulho, assim como armas de fogo, usadas como meio de intimidação. Com a popularização da internet os ânimos ficaram ainda mais acirrados. A ferramenta transformou-se em um essencial elemento na relação das torcidas organizadas. Tanto Bamor quanto Imbatíveis possuem sites oficiais, onde nunca são expostas provocações ao torcedor rival, no entanto os inúmeros fotologs dos distritos e comandos apresentam uma visão preocupante da situação.

A morte de Hermilio Ribeiro Júnior, em abril de 2006, considerada como a primeira no estado relacionada com torcidas organizadas, teve uma grande repercussão na internet. No site de relacionamentos orkut e em fotologs. O comando que Hermilio pertencia, o 12º, colocou no seu fotolog uma imagem do integrante assassinado e uma mensagem, onde pedia punição da justiça aos culpados, porém nos comentários era visível a obscura rivalidade. Supostos membros da Bamor comemoravam a morte de Hermilio. Enquanto membros da TUI juravam vingança e outros torcedores pediam à torcida para não revidar e a deixar o caso a cargo da polícia.

Outro caso que evidencia o poder da internet na rivalidade criada entre as torcidas organizadas baianas, ocorreu em julho de 2009, quando dois jovens foram presos após espancarem um torcedor do Bahia. Luis Cláudio dos Santos, 19, e Douglas Lacerda, 18, foram presos por agressão e roubo da camisa de um integrante da Bamor. Segundo os

dois torcedores presos, a intenção era colocar as imagens do torcedor espancado de cueca no flog do Comando. Na prisão, Douglas explicou a prática: “Tomamos a camisa para colocar no orkut e no flogão. Ostentar a camisa é uma provocação.” Os torcedores que conseguem estes troféus geralmente são bem vistos no grupo, garante, Jeferson Santos, integrante dos Imbatíveis.”Quando o cara é disposição a galera paga o pau pra ele.” Moleques disposição são os chamados torcedores que participam diretamente dos confrontos. Os que vão para ‘o fronte da guerra.’

Por mais incoerente que possa parecer, uma vez que estariam mostrando seus rostos, podendo ser reconhecidos pela polícia, muitos destes torcedores organizados parecem ter prazer em serem filmados por câmeras de TV. É só uma aparecer e lá estão eles, a fazer seus sinais, exibir suas bandeiras e cantar suas canções. No site de vídeos Youtube é possível encontrar vídeos tanto de arrastões pacíficos, como de provocações entre torcidas e até de confrontos entre as maiores organizadas da Bahia, ainda é possível ver a forte repressão policial.

Publicizar, mas sem espetacularizar

Entre um processo e outro a ser analisado, o assessor jurídico do Ministério Público Estadual da Bahia, Lucas Nery encontra espaço para escrever sobre a recente onda de violência ligada ao futebol que assola todo o país. Alguns dos seus artigos foram publicados no portal Terra Magazine. Apesar de distante apenas alguns metros do núcleo do MP que cuida da problemática das torcidas organizadas, chefiado pelo promotor Júlio Travessa, Nery não tem nenhuma ligação com o setor.

Entretanto, o advogado e mestre em Administração Pública mostra conhecimento de causa suficiente para falar sobre o assunto. Para o assessor do MP existe uma exploração da mídia sobre o problema que diante da linha adotada na cobertura dos fatos termina por promover uma “espetacularização” da violência. “É preciso que a imprensa exerça o seu papel e que é fundamental. Esses fatos precisam ser publicizados, não explorados” analisa Nery, que cobra também a divulgação de sanções aplicadas a torcedores:

“Da forma que está, a impunidade parece reinar, por isso se espera que a imprensa torne públicos os casos de punição. É preciso ver que há ação”.

Ainda para o assessor jurídico do Ministério Público, a veiculação de campanhas educativas também é algo de grande importância. Para Heloisa Helena Reis, professora da Unicamp e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas de Futebol (GEF), a atuação dos meios de comunicação em relação ao tema no meio esportivo é um aspecto que deve ser repensado. “Normalmente declarações precipitadas de autoridades públicas, assim como informações desencontradas e incoerentes veiculadas pela imprensa contribuem para a formulação de soluções mágicas”, mas que poderão comprovar-se ineficazes, dado que não consideram a amplitude e a importância do fenômeno” diz a estudiosa em violência no esporte. Sob a óptica de Reis, é necessário entender que o problema da violência no esporte é também um problema social e deve ser encarado como tal.

“Irmãos de sangue cantando esse refrão” - Os holligans de Cristo: A história de dois irmãos sob influência de uma organizada

Era domingo de BaVi e membros da União Bate Cabeça (UBC) - união de comandos dos Imbatíveis - estavam reunidos por volta das 10h da manhã, na Praça do Largo do Tanque, local tradicional de reunião do grupo. Mais de 15 integrantes já estavam no local. De repente um veículo branco, modelo Corsa, com quatro homens, parou em frente ao grupo. Um dos ocupantes do carro ascendeu e apontou na direção do grupo um rojão, popular “12 tiros”. O artefato explodiu no meio dos rubronegros e sob os gritos de “É a Bamor mané!” o veículo arrancou.

Entre os integrantes do UBC, estavam dois irmãos. Everton e Jeferson Santos Silva*. Everton na época com 19 anos e Jeferson com 16 tinham menos de um ano como integrantes da torcida. Um dos “tiros” do artefato foi na direção de Everton, que com uma das mãos protegeu o rosto. Desviado por um dos dedos, a bomba passou, porém atingindo de raspão ao jovem no rosto e no ombro. “Na hora nem percebi. Só vi os caras correndo atrás do carro e ai fui também, mas eles estavam portando” contou Everton, se referindo ao fato de que os autores do atentado portavam armas de fogo.”Foi um corre-corre, quando vi, foi os caras falando com ele (Everton) já, dizendo que tava sangrando não sei que. Mas deu sorte que foi de raspão”, conta Jeferson. “Mas na hora nem sangrou muito, ficou aquela coisa branca tipo queimadura, aí depois começou a sangrar e no ombro a camisa chegou a rasgar, mas protegeu. Se eu tô sem camisa ia ser foda” conta Everton, que como legado do episódio, ganhou uma cicatriz no lado direito do rosto.

Everton e Jeferson são dois grandes exemplos negativos da mudança que as torcidas organizadas promovem na vida dos jovens das zonas periféricas. Os irmãos cresceram em um dos bairros mais populares de Salvador, a Liberdade, tiveram uma infância problemática e brigavam bastante entre si. Apesar disso sempre frequentaram desde muito novos, a igreja evangélica.

Os irmãos sempre tiveram uma ligação próxima do esporte, jo-

gavam bola na rua e sempre se mostraram torcedores do Bahia, Everton inclusive era frequentador assíduo da Fonte Nova, onde assistiu a muitos jogos do Bahia. Um detalhe interessante é que sempre mostrou um encantamento com as coreografias e a vibração demonstrada durante os jogos pela torcida Bamor.

Apesar da infância e começo da adolescência tricolor, foi no final da adolescência que Everton passou a integrar um dos comandos dos Imbatíveis considerados mais violentos, o UBC - União Bate Cabeça, facção originada da fusão de comandos da região da Cidade Baixa, Largo do Tanque, São Caetano e adjacências. Curiosamente foi na igreja evangélica que os irmãos frequentavam onde tudo começou. “Uma galera que já tinha saído da igreja, mas continuava broder já tava na torcida, aí a gente se batia (encontrava) direto. Aí começou a colar com os caras. Daí já tava indo pros jogos, indo pras reuniões, rapidinho.” conta Everton, para quem o fato de ser torcedor do Bahia em momento nenhum influenciou. “O Bahia já tava fudido mesmo, e também nem era questão de time, era questão da galera mesmo. Os caras gente boa, passei a colar e a ir mesmo, mas pela diversão mesmo do que pelo jogo, pelo time. Claro que você não quer que seu time perca, então também torce, mas quando é BaVi mesmo que perdia, eu não me estressava com o jogo” diz Everton, com um sorriso sem graça e abatido de alguém que em pouco mais de três anos mudou radicalmente de aparência. O antes apelidado de “gordo” hoje exibe um corpo esquelético, consumido pelas drogas.

Antes de entrar para a torcida, Everton jamais havia experimentado um cigarro de maconha. Hoje é viciado, não trabalha, largou os estudos e fuma praticamente o dia todo. Quatro anos após entrar para a torcida já não vai aos jogos. “Quase nunca. Só vive sem dinheiro, o que tem é pra comprar maconha” conta o irmão mais jovem.

Durante esta entrevista no começo de 2009, ainda frequentava as reuniões do grupo. As mudanças no comportamento são visíveis, modo de vestir, de falar, de agir. Everton parece viver sempre em alerta, a espera de um ataque surpresa. Do período em que foi um dos soldados da torcida, os

que ficam no fronte da guerra, guarda muitas lembranças. “Tava a galera no arrastão na Mouraria vindo pra Fonte Nova - era dia de BaVi - daqui a pouco, de uns dos prédios lançaram a caseira. Os bagay na covardia. Como é que sabe de onde foi? Barril, mas a galera não abriu não, mas aí começou a putaria pra saber de onde tinha sido, querendo meter pedra nos prédios.”

Histórias contadas com orgulho por alguém que apesar de apenas 22 anos, mostra um olhar tão cansado quanto o de quem já viveu décadas.

Jeferson, no entanto, sempre foi apontado desde a infância como o mais problemático da família, portanto o fato de ter passado a andar com “gente que não presta” - como disse sua avó - em determinado momento da adolescência não foi surpresa alguma para os familiares.

Assim como o irmão mais velho, Jeferson cresceu frequentando a igreja evangélica, mas seu temperamento forte sempre colocou em dúvida se seguiria mesmo aquele caminho. Aos 15 anos passou a frequentar o comando UBC da torcida Imbatíveis. Ali conheceu muitas pessoas. “Gente boa, que só ia pra torcer mesmo, mas a maioria era de gente que queria alguma arte. Ou fumar, ou brigar”. No começo, conta Jeferson, eu queria ir pra todos os jogos, ficava doido atrás de dinheiro. Depois era só mais a coisa de colar com a galera mesmo.”

Como a maioria dos jovens da periferia soteropolitana, Jeferson não tinha opção de lazer ou aprendizado nos turnos em que não estivesse na escola. “Só ficava na rua mesmo. Aí pronto, descia e ia pra praça ficar com os caras.” O jovem destaca que ali se reuniam integrantes e outros que apenas simpatizavam, mas que não tinha nenhuma ligação. Segundo ele, a maioria dos “integrantes” do comando, sequer era realmente membro da torcida, já que assim como ele, nunca pagaram uma mensalidade. “Tinha os materiais todos, dos caras emprestar, dar, comprar e tal, mas carteirinha, sócio, essas porras, nunca tive não.”

A situação deixa no ar o questionamento de que se é possível afirmar que a partir do momento em que se veste o uniforme da torcida, a pessoa pode ser apontada com um efetivo integrante da organizada. A não filiação e conseqüente maior dificuldade na identificação é de responsabilidade da direção da torcida, que a partir do momento em que deixa pessoas de fora usar os materiais da torcida passa a responder por estas? Para o jornalista João Eça, que freqüenta estádios como torcedor comum, a desculpa usada pelos diretores de torcidas, não passa de “isenção de responsabilidade.” Eça entende que é dever dos diretores controlar seus membros. “Eles podem agir sim, tem que criar mecanismos de controle, investir nisso, identificar os ‘maus elementos’. É muito fácil se isentar das responsabilidades” aponta o torcedor.

No entanto, o promotor do Ministério Público José Renato Oliva entende que a torcida não pode ser prejudicada por “atitudes isoladas.” Para ele é fundamental diferenciar atos cometidos pela torcida e por alguns integrantes. “A responsabilidade criminal é somente para a pessoa física diretamente envolvida. A pessoa jurídica da torcida organizada não pode responder criminalmente. Nem seus chefes, a menos que estejam envolvidos nos atos. Se um participante de qualquer grupo comete um crime ele é que vai ter que responder” justificou Oliva. Seguindo essa linha de pensamento não se pode culpar as torcidas pelas desordens de seus membros, principalmente quando estes membros não são verdadeiramente membros. Porém, a fama de violenta e marginal é algo praticamente impossível de tirar das organizadas, como confirma a declaração de Jeferson: “Tudo o que acontecia, era culpa do povo do Imbatíveis.” Assim como o cubano José Martí disse ao retornar a seu país, após anos vivendo nos Estados Unidos da América, Jeferson pode dizer: “Vivi no monstro e conheço as suas entranhas.”

Após algum tempo de convívio no grupo passou a presenciar pequenos furtos e uso de drogas. “Tinha gente da torcida e gente que não era, mas ‘colava’. E muitos ‘colavam’ por que tinha as paradas (drogas) e na hora da ‘putaria’, se metia do lado dos caras né? E tinha umas caras que faziam os ‘corres’ (forma com que chamam os pequenos delitos para con-

seguir dinheiro), ‘bafavam’ uns bonés no ônibus, ou tomavam as camisas e o material de uns alemão pra vender pra outros (sic).” Por mais incrível que pareça a prática parece comum, integrantes das organizadas que possuem bom relacionamento com os rivais vendem a estes os materiais tomados das mãos dos outros torcedores para conseguir dinheiro. “Fiz umas paradas erradas aí” diz Jeferson em tom de confissão, e relata que depois que integrou o grupo passou a usar diversos tipos de drogas, entre elas maconha e ‘loló’. “Ninguém te força a nada, você vai se quiser” diz.

Apesar da declaração do jovem sobre o fato de não haver “forçada de barra”, é comum que novos integrantes de determinado grupo passem a agir com eles por uma questão de sociabilidade. Ser o único do grupo que não fuma ou pratica delitos pode fazer do membro uma figura desprestigiada no meio e para estes jovens, reconhecimento é algo de fundamental importância. O psicólogo e professor da Universidade Federal da Bahia, Marcos Pereira explica que isto é uma questão de identidade social e ela acaba sendo um elemento decisivo na maneira pela qual cada pessoa pensa acerca si mesmo. “Cada vez que eu me filio a um grupo que eu creio ser de pessoas interessantes, eu me vejo com um deles, como uma pessoa interessante e acabo aceitando o conjunto de normas daquele grupo, aceitando as regras daquele grupo, o sistema de valores que determina e define aquela experiência grupal” esclarece o professor.

O crescimento do UBC fez com que grupos rivais pertencentes a outros bairros e regiões próximas da dos integrantes do grupo passassem a procurar ligação com a Bamor. A relação de violência não precisa necessariamente envolver o embate entre torcidas, mas termina se mascarando nele. Jeferson exemplifica: “Era rixa dos caras do São Lourenço com os caras do Largo do Tanque, aí os caras que iam, mas os caras de lá nem tinham a ver com torcida, termina misturando muito as coisas. Por isso perde o controle.”

No começo de 2009, Jeferson deixou de frequentar o grupo. “Tem os caras lá que considero, falo, mas não era mais pra mim não. Ficar me acabando, atrás de bolo doido, maconha, que nada. Deus abriu minha

mente” diz o jovem que voltou a frequentar a igreja e a escola. O garoto se diz arrependido de muitas coisas, “criei inimizade de graça com muita gente. Os caras que eram da Bamor mesmo daqui da área, tudo fecharam a cara pra mim. Quer saber, vou é me sair dessa, ai pronto. Estudar, que é o melhor que eu faço” conta Jeferson com um sorriso no rosto ainda com aparência de menino, mas que esconde um currículo de gente grande.

A história dos irmãos evidencia a cooptação de gangues pelas torcidas. O que é confirmado pela Polícia Militar, para o Capitão Pita, responsável pela comunicação da corporação, entre as linhas de estudo da PM sobre a situação, está a que afirma que as brigas estão ligadas a uma disputa por pontos de drogas, brigas de gangues e questões amorosas. “A torcida é uma fachada”, diz o Capitão. O promotor José Emanuel Araújo completa: “O que move esses caras não é torcer para o time.”

*Everton e Jefferson são nomes fictícios utilizados por medida de segurança para preservar a identidade das fontes.

“Bonde sinistro, disposição: tem faca, caseira, pistola e rojão” - O triste legado: Casos de violência

“Quando todo mundo canta as músicas no estádio que vê a festa, ninguém reclama, diz que é lindo não sei o que. Mas qualquer confusão que tem (a culpa) é (d)os vagabundos da Bamor”, diz Alan Almeida, integrante da torcida, citando uma das maiores reclamações dos organizados, o fato de sempre levarem a fama por qualquer ato ilícito. No entanto, desde o crescimento da rivalidade entre Imbatíveis e Bamor é cada vez mais comum que se tenha notícias de confrontos envolvendo possíveis integrantes das torcidas.

Para as diretorias, o que ocorre é a violência rotineira, porém a culpa é sempre atribuída às torcidas. A Polícia Militar também não concorda inteiramente com a afirmação, uma vez que na maioria das vezes diz ser difícil provar que os atos tenham ligação com torcidas organizadas. “A gente é usado como bode expiatório. O número de homicídios em Salvador não é o mesmo de anos atrás, e a torcida organizada está acompanhando a cidade, não está inventando a violência. Como a Imbatíveis é muito grande, é natural que algumas pessoas ruins façam parte dela, mas nosso trabalho é torcer para o time, fazer a festa, nunca a violência”, garante o presidente dos Imbatíveis, Gabriel Oliveira.

A afirmação de Gabriel é parecida com a de um dos jornalistas esportivos mais respeitados do país, Paulo Vinicius Coelho, que afirma que já na década de 70, torcedores se filiavam à organizadas para irem aos estádios brigar, isso tanto no Rio de Janeiro, quanto em São Paulo: “O problema da violência no futebol não é novo, o que talvez não acontecesse no passado e passou a acontecer a partir dos anos 80, foi morte” diz PVC. Para o jornalista, o problema é a falta de segurança no caminho, porque a violência já saiu muito de dentro do estádio. “É um problema da polícia. É um problema de segurança pública”, diz. E foi por esses caminhos que foram feitas as primeiras vítimas fatais da violência relacionada à torcidas de futebol na Bahia.

A primeira delas, Hermílio Júnior, morreu no bairro onde morava em Pernambués, voltando do Barradão, que fica a cerca de 15 km do local do crime. Assim como Pedro Sales Silva, 43 anos, uma das duas vítimas do clássico

BaVi de 11 de fevereiro de 2007, morto há quilômetros de distância do estádio.

De acordo com a polícia, apesar de permanecerem sem solução, as mortes foram consequência direta da atuação de torcedores das duas equipes. A outra vítima do primeiro BaVi de 2007 foi Luiz Carlos Vítor Pereira, 41 anos. A morte destes dois torcedores foi considerada na época pela imprensa como uma tragédia anunciada, uma vez que torcedores de ambas as torcidas passaram a semana trocando provocações e prometendo violência.

O Jornal Tribuna da Bahia publicou após o enterro de um dos torcedores, um texto que soou como desabafo: “Foi o enterro de Luiz, mas poderia ter sido o enterro de Paulo, João, Antônio, Ana ou Maria. Todos sabiam: imprensa, Polícia Militar, Polícia Civil, Ministério Público, dirigentes de clubes e, principalmente, os chefes de torcidas organizadas.

O crescimento descontrolado da rivalidade, do ódio, do revanchismo, da maldade, sentimentos que nada têm a ver com o esporte, com o futebol, só poderia terminar em vandalismo, morte, assassinato, em dor. De nada adiantaram as reuniões, os pactos, as ações politicamente corretas, juntos aos torcedores. Tudo fachada, mentira. Entre eles, algumas autênticas gangues armadas com bombas caseiras, armas, paus e porretes, alguns disfarçados em mastros de bandeiras, a troca de ameaças, juras de morte e marcação de confrontos para duelos com o objetivo de tirar a vida do “inimigo”, quando do outro lado deveria estar apenas um torcedor que ama o futebol, o seu time do coração, e que tem nos jogos, a ida aos estádios apenas como uma opção de lazer. “

Realmente nos dias que antecederam o BaVi de 11 de fevereiro, insultos foram trocados pela internet e confrontos anunciados. Em um fotolog de um integrante da Bamor, torcedores marcaram brigas e se hostilizaram. No dia 7 de fevereiro, um torcedor usando o apelido de sangaotob2dst desafiou: “Aei a bamor vai invadir o 2º como sempre presente e claro bombas na cara dos tui gays e nos mane (sic).” A declaração vinha acompanhada de fotos de bombas caseiras que seriam usadas no Ba-Vi.

Outro torcedor, identificado pelo apelido de Barromeu bamor

prevê a tragédia que se aproximava no final de semana: “Dia 11 vem aí invasão ao lixão mais uma vez 15 buzu dessa vez 30 caseira e muitos rojão. Será que morre outro deles? dessa vez acabamos com essa torcida de merda que já não existe e a bamor mane a maior do norte nordeste se prepara tuigayzada o dia tá chegando” (sic).

O trágico BaVi de fevereiro de 2007, que no gramado terminou empatado em 1 a 1, marcou um dos episódios mais tristes da história do futebol da Bahia, com o assassinato dos torcedores que sequer eram afiliado às torcidas organizadas. O pedreiro Luiz Carlos Vítor Pereira, torcedor do Vitória, havia acabado de chegar às proximidades do Barradão, junto com o vizinho Jorge de Jesus Barreto, quando se deparou com um ônibus da torcida organizada Bamor. Luiz, que era morador do Pau da Lima, vestia uma camisa dos Imbatíveis, foi agredido friamente com socos e pontapés, até não resistir e cair desacordado.

A violência dos agressores e a demora nos primeiros socorros, dados apenas no intervalo do jogo, foram o bastante para causar a morte do torcedor, que ainda deu entrada no Hospital Geral do Estado, mas já sem vida. O rubronegro deixou esposa com deficiência física, uma filha de quatro anos e um filho de 17.

A outra vítima foi o aposentado Pedro Sales Silva, 43, espancado por quatro torcedores do Vitória no começo da noite. Pedro voltava para casa, acompanhado de dois amigos, um deles vestido com a camisa da Bamor. Após descer do coletivo na região da BR-324, próximo ao supermercado Makro, foi surpreendido por quatro homens que, segundo testemunhas, estavam em um Pálio vermelho e trajavam o calção da torcida Os Imbatíveis. “Mata os três” foi a sentença proferida pelos homens, segundo Daniel Silva, amigo de Pedro. O torcedor tricolor foi espancado e não resistiu, morrendo logo em seguida. Pedro, que assim como Luiz Carlos Vítor Pereira, não tinha ligação alguma com torcidas organizadas, residia no bairro de Fazenda Coutos e deixou dois filhos.

O segundo BaVi de 2007 foi marcado por muita ten-

são devido aos trágicos acontecimentos do clássico anterior, o policiamento foi reforçado e as diretorias das organizadas procuraram mostrar que, apesar do temor, o clima de tranquilidade seria mantido e fizeram manifestos em nome da paz e da solidariedade.

No dia anterior ao jogo, integrantes da Bamor doaram sangue no Hemoba. Já os integrantes da Imbatíveis foram ao jogo vestidos de branco pedindo paz no clássico. Cinco meses depois das mortes, o Jornal A Tarde publicou uma matéria questionando a impunidade nos dois casos, uma vez que ninguém havia sido punido pelos crimes. “A sensação é de total impunidade. Isso também incentiva outras pessoas a fazerem o mesmo”, disse à época Milton Vitor Pereira, irmão do torcedor Luiz Carlos. PVC corrobora com esse ponto de vista, para ele, a impunidade é sim o maior problema da relação violência/futebol. O jornalista acredita que a solução começa por acabar com a sensação de impunidade. “Já existem casos de condenação em São Paulo, um torcedor foi condenado a 14 anos de prisão, por isso também é importante nisso, o papel da imprensa, em divulgar essas coisas, para que se acabe com essa sensação de que ninguém é punido.” No caso do triste Bavi de 2007, assim como na morte de Hermílio Ribeiro Júnior, os crimes não foram solucionados.

“Se bater de frente eu vou ser seu pesadelo” – O canto de dor: Outros casos de violência

Durante o Campeonato Baiano de 2008, novos incidentes foram registrados pela polícia. Em abril, na cidade de Vitória da Conquista, duas armas de fogo foram encontradas em um ônibus onde viajavam integrantes da Bamor. No primeiro BaVi do ano realizado em Salvador, bombas caseiras foram encontradas com torcedores tricolores fora do estádio do Barradão. Neste mesmo dia um princípio de desentendimento chegou a ser contido pelos policiais, que impediram um confronto que poderia ter conseqüências desastrosas.

No entanto os casos mais graves registrados naquele ano ocorreram no segundo semestre. No dia 6 de setembro, Adelmare dos Santos Júnior, de 20 anos, membro da Bamor, foi baleado no bairro de Nazaré, próximo à Escola de Engenharia Eletromecânica da Bahia. O torcedor que estava em companhia de outros integrantes da organizada, se dirigia a um bar da região, onde assistiria à partida entre Barueri e Bahia, pela Série B do Campeonato Brasileiro, disputada em São Paulo. O grupo de torcedores do Bahia foi surpreendido por supostos integrantes dos Imbatíveis, que chegaram em um veículo não identificado e iniciaram um confronto contra o grupo rival. Em meio à confusão, um dos integrantes da Organizada do Vitória, sacou uma arma e atirou contra Adelmare, que foi atingido no pescoço. O jovem chegou a correr o risco de ficar paraplégico, hipótese descartada somente após meses de uma dolorosa recuperação.

Dois anos depois, Adelmare e a família evitam falar sobre o assunto. Amigo do torcedor, o também membro da Bamor, Cristian Marcos disse que a mãe do jovem não gosta que o filho seja associado à Bamor e pediu que se evitasse o tema. “O que aconteceu com ele é coisa do passado. O presente é o que importa e esperamos que o futuro seja o melhor para ele” declarou o torcedor, encerrando o assunto. Os responsáveis pela agressão foram identificados pela polícia, confessaram o crime e foram indiciados por tentativa de homicídios, mas já estão em liberdade.

Outros incidentes continuaram a ocorrer, evidenciado a guerra en-

tre as principais organizadas de Bahia e Vitória, mesmo com as intensificações de ações por parte do Ministério Público e da Polícia. No dia 13 de setembro de 2008, integrantes da torcida, inclusive acompanhados de algumas crianças que fazem parte do projeto social da Organizadora, aguardam pela chegada de outros membros da torcida em um ponto de ônibus da Avenida Bonocô, quando homens usando uniformes da torcida Os Imbatíveis, chegaram em dois carros e roubaram os instrumentos de percussão.

Outro caso de violência envolvendo as principais Organizadas baianas, com mais uma vítima fatal ocorreu ainda em 2008. No dia 21 de dezembro, uma criança de apenas 11 anos, Wellington Rodrigues Oliveira Júnior, foi atingida por uma bala perdida. Segundo informações de testemunhas, o disparo que vitimou Wellington foi feito por um torcedor ligado aos Imbatíveis, que em companhia de outros dois supostos membros da organizadora perseguiram Alessandro Barbosa da Silveira, conhecido na Bamor pelo apelido de Zangão.

A polícia não confirma a versão e não vê ligações com torcidas. Apesar do envolvimento de membros da sua torcida em diversos casos de violência, o diretor da Bamor, Cristóvão Contreiras procura eximir a organizadora. “É impossível saber exatamente que tipo de pessoas estão se associando ao grupo. Estes são atos isolados de vandalismo acontecem por parte de criminosos que se disfarçam de torcedores para praticar a violência.” disse o diretor. “A Bamor promove campanhas de combate à violência há muito tempo. O nosso argumento é que esta violência em estádio é um problema social mesmo. A maior parte das rivalidades entre estas pessoas é criada nos bairros, e de lá ela é levada aos estádios. Muitos não são nem cadastrados na torcida. Às vezes, acontecem casos isolados nos estádios, mas a maioria das vezes são nos terminais. A polícia faz um bom trabalho nos estádios, mas distante deles é complicado. O pessoal pode estar eufórico ou chateado com o resultado. E o álcool também que ajuda a aflorar tudo isso”, tenta justificar Cristóvão, atribuindo à bebida parte da culpa pelas confusões.

O problema social que é a violência faz crescer significativamente por ano o número de homicídios em Salvador. O tráfico de

drogas é apontado como a principal causa de mortes, além disso, muitos crimes investigados ficam sem solução, o que torna difícil relacionar muitos dos casos de violência com torcidas organizadas. Em 24 de março de 2009, Anderson Conceição de Jesus, membro dos Imbatíveis, foi morto a tiros na Avenida San Martins. Segundo a polícia, a morte tem ligações com o tráfico, mas informações não oficiais apontam a briga entre as torcidas como razão para a morte de Anderson.

Em 31 de março de 2010, um estudante do 1º ano foi esfaqueado dentro do Colégio Governador Roberto Santos, no Cabula, no desfecho de uma briga iniciada um dia antes por causa da rivalidade entre torcidas organizadas. O jovem R.J.S., 16 anos, contou que a agressão foi motivada por uma rixa com “o pessoal dos Imbatíveis”. O diretor da escola, o professor Luís Argolo comentou a situação: “É a briga de torcidas Bamor e Imbatíveis que já chegou aqui. Do jeito que está não pode continuar”. O coordenador da Companhia de Ronda Escolar da Polícia Militar, capitão Ubiracy Vieira, admitiu que “infelizmente isso tem acontecido com frequência”.

O policial declarou após o ocorrido que pensa em procurar os dirigentes das torcidas para realizar palestras com os jovens sobre a violência. Segundo diretor da escola, no dia anterior ao incidente, o garoto R.J.S, membro da Bamor, chegou a agredir um aluno do Colégio Francisco Conceição Menezes, mas levou um soco no rosto. Junto com o estudante, estavam outros sete ou dez alunos do Roberto Santos e outros tantos do Francisco Menezes - os colégios são separados apenas por um muro baixo, que permite o acesso de alunos de uma unidade na outra.

No dia seguinte, por volta das 10 horas, R.J.S foi esfaqueado dentro do Colégio Fernando Menezes. O garoto foi atendido pela Ronda Escolar e levado para o Hospital Roberto Santos, com um corte não foi profundo e após receber atendimento, logo recebeu alta. No entanto, o caso mais grave de 2010 ocorreu no dia 25 de abril, após o primeiro BaVi que decidiu o campeonato estadual, realizado em Pituáçu.

Enquanto a maioria dos membros da torcida Bamor eram escolta-

dos pela Polícia Militar em direção ao Iguatemi, outros integrantes seguiam diretamente para suas residências, entre eles, o garoto Wesley Oliveira Almeida, de 14 anos, que foi atingido por um tiro disparado por supostos integrantes da Imbatíveis. O garoto foi socorrido para o Hospital Geral do Estado, sendo posteriormente transferido para a Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Centro Pediátrico do Hospital Jorge Valente, em Salvador.

O Esporte Clube Bahia emitiu nota de pesar, se solidarizando com o caso do jovem torcedor e oferecendo auxílio ao garoto e à família. Wesley passou a ser acompanhado pelo médico do clube Marcos Lopes. Dois dias após o internamento, Wesley foi submetido a uma traqueostomia, procedimento médico para facilitar a respiração. O garoto, que no dia seguinte faria um teste para goleiro no Vitória, foi operado cinco dias depois em um procedimento feito para evitar que uma veia e uma artéria, lesadas por conta da bala, se rompessem. Wesley perdeu os movimentos do braço direito e ficou com dificuldades na fala.

Após três meses de internamento, ele deixou o hospital para continuar a recuperação em casa. De acordo com testemunhas, após uma briga entre as organizadas, um torcedor, não identificado, desceu de um carro, no viaduto Dona Canô, na Avenida São Rafael, e disparou o tiro que atingiu Wesley.

De acordo com a polícia, duas testemunhas, conduzidas à 16ª Delegacia (Pau da Lima), informaram que o suspeito possuía as seguintes características: magro alto e de pele branca. Após o disparo, ele teria fugido descendo uma ribanceira da Vila de Nova Pituaçu, que fica localizada na Avenida, mas ninguém foi preso pelo crime.

O delegado responsável pela investigação, Pedro Andrade, disse que se trata de um crime muito complicado de ser resolvido. “Ainda estamos montando este quebra cabeça, não temos a placa do carro, é muito difícil esse caso. Por enquanto as informações são diversificadas”, declarou o delegado. A tragédia que ofuscou o triunfo do Vitória por 1 a 0, foi o estopim para trazer de volta à tona o problema da violência no futebol. Porque chegamos a este ponto? Até quando ouviremos nos estádios cantos de dor? A situação baiana parece ter chegado ao ponto mais grave e pede medidas emergenciais.

“Todo ‘imbatível’ é irmão” - Família grande é complicada: A dificuldade de gerir uma torcida

A dificuldade em saber informações, como antecedentes criminais, das pessoas que passam a integrar a torcida é um dos maiores problemas das polícias e do Ministério Público. O argumento sempre usado por dirigentes das torcidas de que muitas vezes o “vândalo” sequer é membro, pode soar como desculpa, porém não pode ser desprezado, já que muitos usam a torcida para se esconderem no grupo após suas atitudes ilícitas, logo é natural que não queiram ser identificados. “A maioria dessas pessoas que fazem essas babaquices nem são cadastrados. É muito difícil você controlar quem é cadastrado e quem não é. E quando a gente identifica a gente exclui logo da torcida, mas não pode excluir do estádio” diz Cristovão Contreiras, da Bamor.

O presidente dos Imbatíveis, Gabriel Oliveira, garante que usa as mesmas providências no cadastro dos integrantes e age de acordo com as orientações do Ministério Público. “A gente tem tomado as medidas, as coisas que tem acontecendo são sempre fora das nossas vistas. Mas a gente exige foto, comprovante de residência, RG, e se for menor, tem que ter documentos dos responsáveis”, afirma Gabriel.

O presidente da maior organizada do Esporte Clube Vitória afirma ainda que o cadastro passa por constantes atualizações, uma que segundo ele, sempre há recadastramento. Dentro do estádio a torcida chega a reunir mais de 10 mil membros em dias de grande público, porém no papel, apenas 4 mil são realmente associados. Já a Bamor que tem 10 mil cadastrados, não conta atualmente com a atualização destes dados, o que dificulta saber se todos estes ainda fazem parte da torcida, e quanto novos membros, o grupo recebeu recentemente.

No entanto, Cristovão acentua que é prática da Bamor, passar para a polícia informações sobre seus membros e suas condutas. Prática esta que não é adotada na torcida do clube rival. Gabriel afirma que o torcedor que age de forma errada, é afastado da torcida, mas não entregue à polícia. Para o presidente “cada um tem seu papel, o meu é cuidar da torcida, Identificar quem é criminoso, ou não, é trabalho da polícia, que tem competência para tanto.”

Cristovão ressalta que, sendo a violência um problema da sociedade, “os torcedores violentos vão continuar freqüentando os estádios e, sem camisa (da organizada), fica muito mais difícil de identificá-lo”.

Durante o 1º Seminário Nacional de Torcidas Organizadas, realizado em julho de 2009, as entidades de torcedores rejeitaram a ideia de serem responsabilizadas civilmente por danos causados pelos associados a elas. Naquele momento, o grupo decidiu redigir uma carta ao Senado, como forma de pressionar a casa legislativa a vetar o artigo de projeto que muda Estatuto do Torcedor e os pune quando houver delitos. “O Estatuto do Torcedor tem que ter a colaboração das torcidas. Não teve isso no processo de maturação do projeto de lei. Vamos ver se conseguimos colaborar daqui por diante”, afirmou José Maria Freire Filho, representante da Jovem Fla e presidente da Federação de Torcidas do Rio de Janeiro (FTorj).

O promotor do Ministério Público de São Paulo, Paulo de Castilho, um dos autores do projeto de lei, prontificou-se a entregar a carta ao senador Aloizio Mercadante (PT-SP), relator da proposta no Senado. “Estamos em um país democrático, e eles têm direito de pleitear mudanças. Cabe ao Senado avaliar a proposta deles”, afirmou Castilho.

No entanto, para o consultor jurídico do Ministério do Esporte, Wladimir Camargos, a manutenção do artigo é necessária, uma vez que, a exemplo dos dirigentes, os líderes de organizadas também devem ser responsabilizados por danos indiretos. “Se um torcedor que deu causa a algum dano é cadastrado pela torcida organizada, por que não culpar a entidade por ter aceitado esse membro? Por que ela, assim como já ocorre com outras entidades vinculadas ao futebol, não deveria responder por esse dano?”, questionou Camargos. Durante o seminário de Torcidas Organizadas, a reportagem do jornal Folha de S.Paulo consultou vários líderes de organizadas, e a maioria admitiu que há dificuldades de se ter um controle sobre todos os associados. O que mostra que o problema não é exclusivo das principais torcidas da dupla BaVi.

De forma idêntica pensa o diretor da Bamor, Cristovão Con-

treiras. A maioria dos líderes das organizadas diz que podem acabar sendo responsabilizados por delitos cometidos por pessoas falsamente associadas à entidade por usarem o uniforme da torcida. “Se, por exemplo, uma pessoa estiver usando uma camisa da Independente, comprada em camelô, e depredar uma loja na [avenida] Paulista, a torcida organizada como um todo deve ser responsabilizada? Eu acho que não”, argumentou João Paschoa, diretor da vascaína Força Jovem.

Para o consultor do Ministério do Esporte, esse tipo de minúcia deve ser tratada durante o processo judicial, caso o projeto de lei venha a ser aprovado na redação atual. Algumas torcidas organizadas apresentaram contrapropostas para a exclusão do artigo que as pune, em contrapartida sugeriram o autopolicimento, com a expulsão de membros potencialmente turbulentos, e a colaboração com a polícia na disponibilização de cadastros de membros.

No entanto, os argumentos dos líderes de torcida não foram suficientes para convencer o relator senador Aloisio Mercadante e o artigo que pune as torcidas foi mantido, conforme vontade do Ministério dos Esportes. O texto define penas de prisão para torcedores que praticarem atos de violência e responsabiliza civilmente as torcidas organizadas pelos danos causados por seus membros. Em fevereiro de 2010, o então ministro dos Esportes, Orlando Silva Jr., se reuniu com o senador Romero Jucá (PMDB-RR), líder do governo no Senado e pediu agilidade na tramitação do projeto.

Dois meses após o fechamento deste livro para apresentação pública na banca de avaliadores, o Projeto de Lei foi aprovado no Senado. Entre as medidas aprovadas está a proibição de entoação de cânticos discriminatórios, xenófobos ou racistas. Além disso, as torcidas organizadas passam a responder de forma solidária caso um associado cometa danos ao local do evento, imediações ou no trajeto de ida e volta do estádio. Integrantes de torcida organizada que promover tumulto ou praticar violência vão ficar impedidos de entrar em estádios por três anos. As penas para os crimes previstos no texto vão de multa a até seis de prisão nas infrações ais graves. Réu primário não pode ser preso, de acordo com o projeto, mas pode ser impedido de ir ao estádio.

“Quem segura o porta estandarte tem arte” - O contra-ataque: As ações do estado

Se o confronto entre torcidas, se mostra cada vez mais como uma triste realidade, afastando dos estádios o torcedor comum, outra batalha passa a ser revelada. Dentro de escritórios, tribunais, quartéis, universidades, membros do poder público e da sociedade civil decidiram entrar em campo por uma causa maior, se acabar com a violência no esporte parece utopia, a intenção é de ao menos devolver ao futebol baiano um pouco da sua normalidade, que um dia lhe rendeu a fama de ser um estado onde torcidas diferentes sempre conviveram pacificamente.

Entre as análises de caso sobre os mais diversos tipos de criminalidade no estado, o coordenador do Centro de Apoio Operacional às Promotorias de Justiça Criminais (Caocrim) do Ministério Público Estadual da Bahia, promotor Júlio Travessas, é direto quanto a seu posicionamento sobre torcidas organizadas: “Eu sou contra acabar com as torcidas e com qualquer forma de manifestação cultural, se você acaba com a Bamor, Povão, Imbatíveis, Falange ou qualquer outra torcida, porque se durante as ocasiões em que eles se encontram tem violência, a gente vai ter que acabar com o carnaval e todas as festas populares, porque nestas festas também tem violência. Então o estado tem que mostrar força, atuando, preventiva e repressivamente.”

Desde março de 2010 à frente do Caocrim, núcleo MP responsável por uma espécie de assessoria jurídica para os demais promotores, onde analisa entre outros crimes, os que envolvem torcidas organizadas, Travessas acredita que é possível reverter o quadro sem o fim das organizadas, no entanto, admite que a falta de controle pode culminar em medidas mais drásticas. “É preciso identificar quem utiliza deste expediente pra praticar crimes. É preciso separar o joio do trigo. Se a gente conseguir tirar essas pessoas de circulação, nós vamos amenizar bastante” argumenta o promotor.

Para Travessas é necessário que nestes casos, o estado mostre “a sua mão forte.” Para o promotor, as torcidas organizadas devem continuar, no entanto é preciso agir. “Além da forma repressiva como o estado já vem agindo, como com medidas preventivas” diz, mas ressalta que é preciso um maior

preparo do estado para lidar com a situação. “É preciso estudar o assunto”. Travessas acredita que na situação atual da sociedade “aniquilar a violência beira a utopia”, mas crê que a partir do combate à impunidade a situação tende a melhorar. “O que vem sendo feito até então é um controle, um monitoramento das torcidas. Eu acho que o simples monitoramento não resolve o problema. Por sinal, acabar com a violência nos estádios, eu acho que é uma ilusão, o que a gente pode fazer é controlar e combater a impunidade que é o grande problema a ser enfrentado.”

Contudo, o promotor acredita que com a implantação de novas medidas os exemplos passem a influenciar de forma preventiva. Se anteriormente torcedores presos com explosivos eram liberados logo em seguida, Travessas promete mudar esta realidade e fechar o cerco. “Pessoas serem presas e logo em seguida liberadas, a gente não vai admitir. A lei 10.826 é muito clara. O artigo 16 fala ‘posse ou porte ilegal de arma de uso restrito’[...] e se eu joga uma bomba e eu sei que aquela bomba pode matar uma pessoa, mesmo que não mate a pessoa, ao meu ver, está mais do que caracterizado o crime de tentativa de homicídio. Portanto, se a gente prender alguém com explosivo, essa pessoa vai ser presa, autuada em flagrante e vai ser encaminhada para o Presídio Salvador e não cabe fiança porque esse tipo de crime, pena de três a seis anos, não cabe fiança.” E sentencia: “É preciso sair do oba-oba e entrar na ação.”

Com o pensamento idêntico ao de Travessas, quando o assunto é o um possível fim das torcidas organizadas, o promotor José Renato Oliva coordenou o Caocrim até 2010, quando foi substituído pelo atual coordenador. Ele se destacou como uma das principais lideranças do país no combate à violência entre torcidas. Oliva foi membro da Comissão Nacional de Combate à Violência nos Estádios e participou da Comissão de Adoção de Medidas de Prevenção à Violência nos Estádios de Futebol, que em 2006 assinou um protocolo de intenções com a CBF, definindo as medidas de prevenção à violência que começaram a ser adotadas em todos os estádios de futebol do país e que na prática ainda não é seguido em todo o país.

Preocupado com o índice de violência nos estádios baianos, Oliva

procurou em fevereiro de 2009, o deputado estadual Tadeu Fernandes, o Capitão Tadeu, para propor um Projeto de Lei com a intenção de prevenir e combater a violência nos estádios de futebol da Bahia. A proposta foi levada pelo deputado à Comissão de Direitos Humanos e Segurança Pública, que também acolheu a proposta e designou através do seu presidente, o deputado João Carlos Bacelar, o próprio deputado Capitão Tadeu para relatar a proposta. Seis meses depois, o relator entregou ao então Procurador-chefe do Ministério Público baiano Livaldo Brito e ao promotor José Renato Oliva, cópia do projeto de lei número 18.160/2009.

PL 18.160/2009: Audiências e visitas técnicas

Durante o período de produção, o projeto foi discutido em cinco reuniões técnicas, três audiências públicas e tema de debate em vários programas de rádio. Os debates tiveram a participação das polícias Militar e Civil, Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia (Sudesb), Federação Baiana de Futebol, Justiça Desportiva, Prefeitura Municipal de Salvador, dirigentes e imprensa desportiva, além de torcedores em geral. Durante as finais do Campeonato Baiano de 2009, o deputado Capitão Tadeu e o promotor José Renato Oliva realizaram visitas técnicas nos estádios Manoel Barradas, o Barradão e Roberto Santos, o Pitu-açu. Durante as visitas estiveram acompanhados do superintendente da Sudesb, Raimundo Nonato, o Bobô, do então presidente do Vitória, Jorge Sampaio, e de oficiais da Polícia Militar, responsáveis pela segurança dos jogos. Também foram realizadas visitas técnicas em estádios de São Paulo, além de reuniões com representantes da polícia, Ministério Público e Federação Paulista de Futebol, para troca de experiências.

PL 18.160/2009: O que diz a proposta

A justificativa para a medida diz que a presença de “torcedores sem controle das emoções, de má índole e marginais travestidos de torcedor têm trazido inquietação aos bons torcedores e arranhado a excelente imagem do futebol brasileiro” e complementa: “Esse fato social tem afastado torcedores, crianças, idosos e mulheres dos nos-

sos estádios de futebol. Por um lado priva esses cidadãos de um lazer tão importante na cultura do brasileiro. Por outro lado tem reduzido a receita dos ingressos, o que reduz o poder de investimento dos clubes de futebol, baixando, com isso, a qualidade dos espetáculos futebolísticos e a imagem do futebol, em todos os cenários, inclusive o baiano.”

Dentre as previsões do projeto destacam-se: a proibição da venda e utilização de bebidas alcoólicas nos estádios e no raio de 500 metros de distância dos locais das partidas; a numeração de assentos nas arquibancadas e proibição de utilização das escadas como assentos; a obrigatoriedade de campanhas educativas dentro dos estádios; a proibição da venda de ingressos no próprio estádio de futebol, até quatro horas antes do início do jogo; a reserva de 5% das vagas do estádio para a torcida visitante; a separação das torcidas adversárias por barreiras físicas tanto dentro do estádio como no percurso para a acomodação; a proibição de utilização de fogos de artifício, hastes ou suportes de bandeiras ou qualquer instrumento capaz de causar lesão; a obrigatoriedade do canto do Hino Nacional Brasileiro no início dos jogos; a lavratura de Termo Circunstanciado nos crimes de menor potencial ofensivo no próprio estádio; e a obrigatoriedade de espaços físicos devidamente equipados para o comando da Polícia Militar e para postos da Delegacia de Polícia Civil, do Juizado da Infância e Juventude, do Juizado Especial Criminal, do Ministério Público, da Defensoria Pública e da Polícia Técnica.

O projeto ainda contém sugestões que foram consideradas “recomendações”, uma vez que eram impertinentes à matéria legislativa ou não caberiam no PL, ao menos neste momento, no entanto podem e devem ser implementadas a longo prazo. Entre as recomendações estão: a colocação de cadeiras em toda a arquibancada, evitando que os torcedores sentem diretamente no concreto, instalação do Juizado Especial Criminal no estádio, realização de atividades de lazer e entretenimento nas preliminares dos jogos principais, como forma de atrair os torcedores para dentro do estádio com bastante antecedência evitando tumultos na entrada em horários próximos dos jogos, utilização de campanhas de conscientização por parte de formadores de opinião e al-

teração da Lei do Feaspol (Fundo de Reequipamento Policial), para se garantir que todos os recursos arrecadados por esta taxa nos estádios de futebol sejam destinados ao pagamento de horas extras aos policiais.

O cumpra-se a lei em rota com o faça-se a lei

No entanto há quem observe o projeto com ressalvas: O promotor Júlio Travessas. “Eu acho que já temos lei demais. O problema do Brasil não é falta de lei, o problema é cumprir as leis que temos. Nós temos muita coisa. Violência nos estádios tem tipo penal, lesão corporal, tudo, todos os crimes que ocorrem aí já estão previstos aqui (no código penal). Eu acho que a gente já não precisa de instrumental, com o que está aí podemos fazer. O que é preciso é prender estas pessoas, o MP denunciar e a Justiça condenar, acabando com a impunidade. Agora priorizar isso não dá, porque vivemos em uma realidade em que crimes ocorrem em todos os seguimentos da sociedade.” E continua: “Não podemos deixar de adotar posturas, mas sabemos que temos problemas maiores em outros setores da sociedade. Mas o estado está organizando, está atuando.”

Outro ponto de discordância de Travessas sobre o projeto é o artigo sexto que fala sobre a proibição da venda de bebidas alcoólicas. “Ninguém consegue ficar embriagado em 90 minutos tomando cerveja. Isso não é uma apologia ao álcool, mas se você não deixa entrar bebida, o cidadão fica na porta do estádio tomando todas e entra turbinado. Aí é que ele vai ficar alcoolizado muito mais rápido do que ele tomando a cervejinha dele” diz o promotor e justifica: “Eu não sou a favor do álcool, pelo contrário, bebo muito pouco, mas eu acho essa proibição sem efeito prático, tanto que proibiu e a violência aumentou.”

Uma medida da CBF determina a proibição da venda de bebida alcoólica no interior dos estádios em competição organizadas pela entidade. Travessas ressalta a importância do uso de medidas sócio educativas como penas alternativas. “Naqueles delitos menos graves deve colocar o cidadão pra prestar serviço à comunidade e de preferência no mesmo âmbito da própria torcida. Colocar essas pessoas no próprio dia

do jogo. ‘Tá vendo aquele ali que praticou aquela lesão corporal ofensiva, ele ta ali prestando serviço, tá ali ajudando, ta regando, ta limpando, ta fazendo aquela parte, dando manutenção’, é isso que tem que ser feito.

Para o também membro do Ministério Público baiano, o assessor jurídico Lucas Nery, “O combate à violência no futebol brasileiro só será eficaz quando o tema for inserido, de fato, no contexto macro da realidade nacional” e ressalta que é preciso reagir, mas sem radicalizar: “Não adianta partir para a radicalização, pedindo a eliminação das torcidas organizadas. Medidas enérgicas fazem-se necessárias para frear o quadro tirânico e opressor reinante em nosso futebol. Ao mesmo tempo é necessário que o Estado esteja presente nas periferias, com campanhas sócio-educativas de inclusão social através do esporte, em parceria contínua com as comunidades e organizações da sociedade civil.”

O estopim Wesley

O tiro disparado por um integrante dos Imbatíveis contra o garoto Wesley Oliveira Almeida, de apenas 14 anos, no BaVi do dia 25 de abril de 2010, quatro anos após a morte de Hermílio Ribeiro Júnior, transformou-se em um novo estopim para novas medidas do estado no combate à violência entre torcidas. Se normalmente apenas os diretores de torcida e responsáveis pela ordem se pronunciavam, desta vez clubes, estudiosos e até o governador do estado voltaram seus olhos para o problema, levando a Justiça a tomar a mais drástica medida envolvendo as torcidas: a proibição destas nos estádios baianos.

Três dias após a tragédia, representantes da Polícia Militar, Ministério Público e Federação Bahiana de Futebol se reuniram e decidiram propor o veto à presença das torcidas Bamor e Imbatíveis no BaVi seguinte, o que definiu o campeão estadual da temporada. Integrante do Ministério Público Estadual, o promotor José Emanuel Araújo Lemos, que também atua no grupo de combate à violência nos estádios, e foi responsável pela ação cautelar na Justiça, foi “uma medida de urgência. O argumento maior foi a segurança pública.”

No dia 30 de abril, dois dias antes do clássico, o juiz Manoel Bahia, concedeu uma liminar acatando a solicitação da ação cautelar proposta pelo Ministério Público Estadual. De acordo com a liminar, além da proibição de uniformes, os torcedores também foram proibidos de portar bandeiras, flâmulas ou qualquer material alusivo que os identifique como torcidas organizadas, incluindo-se os homônimos.

Apesar de ser contrário ao fim das torcidas, o promotor Júlio Travessas, disse que a medida foi preventiva e que a análise de todos os aspectos envolvendo as torcidas organizadas na Bahia continuaria a ocorrer.

O presidente dos Imbatíveis, Gabriel Oliveira, contestou a decisão e propôs um acordo: “Irámos sem o uniforme e, em contrapartida, no estádio usaríamos nossas bandeiras, faixas e instrumentos para não diminuir nossa festa” no entanto, sua proposta foi logo negada pelo comandante geral da Polícia Militar, o Coronel Nilton Mascarenhas: “A proibição é total. Qualquer elemento com identificação da torcida vai incentivar a violência. Eles podem estar juntos, mas sem identificação.” Segundo o governador do estado, Jaques Wagner, o trabalho de repressão por parte da Polícia Militar continuará a ocorrer e de forma ostensiva.

O chefe do executivo baiano pediu apoio da imprensa em um trabalho preventivo através de campanhas, “não nos interessa igualarmos com as torcidas inglesas (hooligans) que promovem aquelas cenas de baderna.”

No entanto, somente a proibição de materiais das organizadas parece não ser o suficiente, ainda que seja apenas uma medida emergencial, situações semelhantes ocorreram em outros estados e os índices de violência não foram necessariamente reduzidos. Pelo contrário, a falta de identificação como membro da organizadas X ou Y pode facilitar ainda mais a ação de vândalos.

Para todos os efeitos, pelo menos no BaVi que decidiu o estadual, a medida parece ter surtido efeito, nenhum fato considerado mais grave foi registrada. Ainda que os dados apresentados dêem margem para controvérsia, há muitos que defendem a medida e acreditam que ela pode dar resultados práticos.

O ex-presidente do Vitória e ex-diretor de futebol do Bahia, Paulo Carneiro, defendeu a medida que proibiu o uso dos uniformes das torcidas e foi além, para ele, além da proibição é “necessário colocar a inteligência policial para trabalhar na identificação desses marginais. No primeiro jogo o resultado será apenas razoável, mas seguindo com a decisão, esses grupos perdem a motivação do jogo e como não são organizados tendem a se dispersarem.”

Para Carneiro, “os clubes têm que fazer a sua parte parando de dar ingressos ou vender a preços de meia. Na minha época eu dei uma grande ajuda ao limitar as Torcidas Organizadas em quatro e dei um prazo para elas, que eram muitas, se fundirem. Não permitia a entrada de torcedores com camisas diferentes dessas quatro. Também promovia reuniões semanais para conscientização e integração com o clube.”

O ex-presidente do Vitória teve durante a sua gestão, muitos problemas de relacionamentos com os principais líderes de torcida organizadas. “Quero ver quando chegarem as Arenas Esportivas o que as autoridades vão fazer. Permitir Torcidas Organizadas em cima de cadeiras modernas? Entrando de graça, graças a doses maciças de boa vontade de dirigentes amadores?” criticou o ex-dirigente.

Após a confirmação da proibição, a torcida Os Imbatíveis através de nota em seu site, procurou desvincular qualquer relação da tragédia envolvendo o garoto Wesley com seus integrantes. No comunicado a direção justifica que o planejamento acertado com a polícia (para o jogo em que ocorreu o incidente) foi cumprido e os integrantes da torcida teriam voltado para o ponto de partida, no centro da cidade, conforme estabelecido anteriormente com a polícia, que inclusive fez a escolta dos ônibus.

A nota trazia ainda uma espécie de cobrança ou alerta ao torcedor em forma de crítica à cobertura da imprensa, considerada pelos integrantes da torcida, como equivocada: “Torcedor rubronegro seja consciente, seja crítico e não permita nossa festa seja ofuscada por parte da imprensa, sejam conscientes ao lerem as reportagens, saibam analisar os fatos.”

Já a diretoria da Bamor também emitiu uma nota a seus associados onde dizia: “Apesar de terem tirado bateria bandeiras, faixas e camisas nada disso vai mudar nossa rotina, estaremos presentes no estádio do Barradão. A Bamor não é feita de materiais e baterias, mas sim da força dos nossos integrantes, apoiando e cantando até o final por nosso maior amor, e com essa força que iremos ajudar o esporte clube Bahia alcançar o título.” O comunicado ainda destacou a trajetória da torcida durante o campeonato: “Nosso trabalho foi árduo, fizemos grandiosas festas dentro de Pituaçu e interior, hoje temos uma torcida mais unida que antes e essa união que nos está levando para lutamos por nosso time, nossa torcida e nossos irmãos.”

No entanto, paralelo ao manifesto, o presidente da Bamor, Jorge Santana, desabafou admitindo a perda de controle: “Eu mesmo pedi ao Procurador do Ministério Público uma atuação mais enérgica dentro da nossa torcida. Infelizmente, tenho que admitir que perdemos o controle. Marginais estão se infiltrando e manchando a nossa torcida. A Bamor não é facção criminosa. Os jovens estão ligando a torcida com a violência. E não é isso.”

O exemplo que vem de fora

A tragédia do estádio Heysel, na Bélgica, em 1985, que deixou 39 mortos e 454 feridos, após tumulto na final da Copa dos Campeões entre Juventus da Itália e Liverpool da Inglaterra foi um divisor de águas na forma do europeu encarar a situação da violência entre torcidas. O caso marcou o início de uma verdadeira revolução na Inglaterra, um processo que após vinte anos faria do futebol inglês o mais importante, rico e organizado do planeta.

A culpa pela tragédia recaiu apenas sobre os torcedores ingleses do time inglês - a Uefa, a polícia belga e os responsáveis pelo estádio jamais foram investigados. Os clubes ingleses foram banidos de todas as competições européias por cinco anos e o Liverpool ganhou uma suspensão adicional de um ano. A polícia britânica investigou imagens da tragédia e conseguiu identificar 27 torcedores, todos detidos sob acusação de homicídio culposo.

Em 1989, eles foram julgados durante cinco meses, 14 destes torce-

dores foram condenados a três anos de prisão. A Justiça decidiu, no entanto, pela suspensão de metade das penas, e poucos cumpriram a sentença.

O estádio de Heysel foi fechado para os jogos de futebol. Mas quatro anos após a tragédia de Heysel, um novo triste episódio manchou o futebol mundial, desta vez na Inglaterra, no estádio de Hillsborough, em Sheffield. Noventa e seis torcedores morreram - desta vez, todos torcedores do Liverpool. Não houve briga entre torcidas, mas sim uma grande confusão, que fez com que os torcedores fossem esmagados nos alambrados do estádio.

Enquanto isso, nos estádios ingleses, a ação dos hooligans continuava a destruir a imagem do futebol do país, levando insegurança aos súditos da rainha Elizabeth. Porém, em 1990, um inquérito oficial do governo, chamado de Relatório Taylor, motivou grandes mudanças no esporte do país. Graças ao relatório, as praças esportivas inglesas eliminaram as “gerais”, onde os torcedores ficavam de pé e partir dos anos 90, todos passaram a ter apenas cadeiras numeradas. As grades foram removidas e os torcedores voltaram a acompanhar as partidas sem qualquer separação para o gramado. Os hooligans passaram a ser severamente punidos. A venda de bebidas alcoólicas foi proibida e importantes aparatos de segurança, como câmeras de vídeo, foram instaladas em todas as arquibancadas, com monitoramento permanente pela polícia. Junto da reforma - e, em alguns casos, até reconstrução - dos estádios, cada vez mais seguros e confortáveis, ocorreu uma grande transformação nos clubes.

Uma prova da mudança na forma de pensar do torcedor e dos dirigentes ingleses pode ser vista em 2005, 20 anos depois do desastre Heysel, quando o Liverpool conquistou a Liga dos Campeões da Europa e ainda inaugurou uma escultura em memória das vítimas, com luzes para simbolizar cada um dos mortos. Em uma das fases finais da competição na temporada em que se sagrou campeão, o Liverpool encontrou a mesma Juventus de 25 anos atrás, mas desta vez, a torcida inglesa foi responsável por um show de civilidade e ergueu no estádio de Anfield na Inglaterra, um belo mosaico formando a palavra “amicizia” - amizade em italiano -, em homenagem aos visitantes.

A letargia do estado VS. possíveis soluções

O problema envolvendo torcidas organizadas não é novo, porém o Estado age de forma letárgica prejudicando um encontro de uma solução que efetivamente tenha efeito prático. Para Heloisa Reis, professora da Unicamp e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas de Futebol (GEF) da mesma faculdade, “o trabalho em torno da formulação da política brasileira de controle da violência no futebol ainda está em curso, mas tem avançado em ritmo lento e com interrupções”.

O projeto que altera o Estatuto do Torcedor e define penas de reclusão para torcedores que praticarem atos de violência e responsabiliza civilmente as torcidas organizadas pelos danos causados por seus membros, de autoria do deputado Arlindo Chinaglia (PT-SP), se encontra no Senado há mais de um ano. Heloisa é uma das maiores especialistas do Brasil em segurança em espetáculos esportivos, com estágios na Espanha e na Inglaterra. É autora do livro Futebol e Violência. Na obra, a professora apresenta possíveis caminhos a serem seguidos na intenção de combater a violência entre torcidas.

Para pensar em conter esta violência, é necessário buscar suas raízes, suas causas diretas e indiretas, diz a professora. E apresenta as medidas tomadas no continente europeu. “Quarenta e seis países adotaram políticas nacionais de prevenção elaboradas a partir de um acordo firmado no Conselho da Europa. A gota d’água foi a tragédia do estádio Heysel, na Bélgica, em 1985. Os primeiros participantes do Convênio Europeu sobre a violência e mau comportamento em eventos esportivos foram Inglaterra, Itália e Espanha. Hoje, países com o maior sucesso na promoção de espetáculos de futebol. No território espanhol foram constituídas duas comissões para o estudo do problema: uma de senadores, com um período de trabalho de dois anos; e outra em âmbito interministerial. Tais trabalhos subsidiaram a elaboração da lei de esporte de 1990, que dedica um capítulo especificamente ao tema. A nova legislação tornou ágil o julgamento dos delitos e delimitou as penas impostas aos clubes em casos de violência de seus espectadores.

Para Heloisa, as frustrações geradas com o mau funcionamento dos serviços e da estrutura dos estádios contribuem para manifestações violentas, a professora destaca pontos necessários para redução do problema: “É fundamental a retomada dos trabalhos da Comissão Nacional de Prevenção da Violência e Segurança nos Espectáculos Esportivos pelos Ministérios do Esporte e da Justiça e a criação de colegiados similares nos estados, que tenham a atribuição de tratar o tema com o devido cuidado e de trazer o poder público para o cerne da discussão. Há a necessidade, também urgente, de atualização da legislação específica para o esporte, como o Estatuto do Torcedor. A tarefa é especialmente oportuna neste momento, dado que o tema está sendo discutido no Senado. Alguns pontos importantes foram acrescentados à lei, mas outros, como a melhoria da infraestrutura dos estádios, ainda não foram contemplados.”

Ainda segundo a especialista no assunto, “é preciso incentivar e assegurar a participação, nas referidas comissões, de representantes de diferentes esferas da sociedade (governo, entidades esportivas, torcidas organizadas, imprensa e estudiosos), de maneira a enriquecer e ampliar o enfoque das análises” e por fim defende “a urgência da criação de uma corporação de segurança especializada em eventos esportivos” devido ao que considera “despreparo dos atuais agentes públicos,” uma vez que o tratamento dado por estes aos torcedores - organizados ou não -, estão entre as principais causas dos conflitos violentos. Entre as medidas propostas pela professora no combate à violência no esporte, envolvendo as torcidas organizadas estão:

1. Identificação de todas as torcidas organizadas por unidades federais (estados e Distrito Federal) quanto: à localização e características de sua rede; aos número de sócios; às atividade; à relação com o clube; à forma de organização; a forma como chegam aos estádios.
2. Fiscalizar e impedir a contribuição financeira do clube em qualquer despesa da torcida. As torcidas devem buscar recursos próprios.
3. Exigir o envio de um cadastro atualizado de todos os seus sócios para o Consegue (Comissão Nacional de Prevenção da Violência e Segurança nos Espectáculos Esportivos)

4. Acompanhar os torcedores em dias de jogo desde a sede da torcida até o estádio, por meio de escolta de ônibus, fiscalizar a ocupação dos ônibus e proibir o transporte de pessoas acima do número permitido. Assim como proibir no transporte o consumo de bebidas alcoólicas e de qualquer tipo de droga.
5. Deixar uma zona neutra entre duas torcidas organizadas rivais no setor do estádio em que elas estiverem.
6. Apoiar os programas sociais das torcidas organizadas, assim como as campanhas educativas.

Bibliografia

MURAD, Maurício. A Violência e o Futebol – Dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro, FGV, 2007.

DUNNING, Eric. Football on trial: spectator violence and development in the football world. London, Routledge, 1990.

BUFFORD, Bill. Entre os vândalos: o futebol e a violência. Porto, Edições ASA, 1994.

REIS, Heloísa H. B. Futebol e Violência. São Paulo, Autores Associados, 2006.

TOLEDO, Luiz Henrique. Torcidas Organizadas de Futebol. São Paulo, Anpocs/Autores Associados, 1996.

WISNIK, José Miguel. Veneno remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas. São Paulo, Manole, 2003.

GALEANO, Eduardo. Futebol ao sol e à sombra. Porto Alegre, L&PM, 1995.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Os perigos da paixão. Rio de Janeiro, AnnaBlume, 2004.

SANTOS, Tarcyanie Caujeiro. Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas. São Paulo, AnnaBlume, 2004

BETTI, Mauro. Violência em campo. Ijuí, Editora Unijuí, 2004.

AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou morrer. Rio de Janeiro, MAUD Editora, 2004.

COELHO, Eduardo. Donos da bola. Rio de Janeiro, Língua Geral , 2006.

Sites:

www.atarde.com.br

www.fbf.org.br

www.cbf.com.br

www.lancenet.com.br

www.ole.clarin.com/diario

http://www.barradaonline.com.br/revista_materia085.html

<http://www.portalesportivo.com.br/>

http://www.soderotoledo.com.br/aritgo_lucio1.htm

<http://rivalidadenofutebol.blogspot.com/2010/03/novo-estatuto-ira-responsabilizar.html>

<http://esporte.ig.com.br/futebol/2009/12/14/sem+organizadas+60+voltari+am+aos+estadios+segundo+pesquisa+9233791.html>

<http://www.bahianoticias.com.br/entrevistas>

<http://correio24horas.globo.com/>

<http://pauloscarneiro.wordpress.com/>

<http://www.semprebahia.com>

<http://www.politicalivre.com.br/>

<http://www.ecbahia.com/>

<http://books.google.com/books>

<http://www.efdeportes.com/efd79/torcidas.htm>

<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/revista/pdf/3/ex02.pdf>

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte>

<http://perspectivabr.wordpress.com/>

<http://noticias.uol.com.br/>

<http://www.universidadedofutebol.com.br/>

<http://nopalacio.wordpress.com/>

<http://www.senado.gov.br>

<http://www2.camara.gov.br>

<http://www.livrevista.com/>

<http://www.noticiacapital.com.br/>

<http://www.mp.ba.gov.br/>

http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2009/ju437_pag02.php#

<http://www.cidadedofutebol.com.br/>
<http://veja.abril.com.br/>
<http://globoesporte.globo.com>
<http://www.youtube.com>
<http://adotor.com.br/>
<http://espnbrasil.terra.com.br/>
<http://espnbrasil.terra.com.br/maurocezarpereira>
<http://www.direitos.org.br>
<http://rivalidadesbrasil.blogspot.com/2009/02/mtv-overdrive-torcidas-organizadas.html>

Agradecimentos

“Hora de agradecer, hora de reverberar, hora de tudo rever, hora de considerar...”

Quem me conhece minimamente deve imaginar a dificuldade que foi escrever as próximas linhas sem pensar no tamanho da injustiça que estaria a cometer deixando este ou aquele nome de fora. Quando há mais de um ano comecei a escrever estas linhas pensava em listar alguns poucos nomes, tarefa que se mostrou impossível para quem nestes cinco anos de faculdade e 23 de vida não tem nada mais valioso do que inúmeras amizades construídas. Decidi manter o formato original, adicionado a ele, um apêndice de congratulações, citando nomes que não poderiam faltar nestas mal traçadas linhas. A todos, citados ou não, o meu muito obrigado!

Ao PBE: Raimundão, Marllon, Vinicius, Everson, Cleverson, Diego, Gabriel e todos os outros eternos irmãos, por nossa história.

Aos amigos de CPM, pelos inesquecíveis e vitoriosos anos.

Aos queridos faconianos: os eternos calouros, os grandes veteranos, os companheiros de Rádio Facom, os funcionários e especialmente ao CFC: Roca, Matheus Feitosa, Thiago Pereira, Alan Botelho e aos 2005.2, por tudo o que dividimos nesta jornada.

A João Eça, nobre amigo e doutor do povo, por provar por A+B que jornalismo é oposição, e o resto é armazém de secos e molhados.

Aos amigos feitos no Itapoan Online: Glauber Mateus e Marcos Zurck pela confiança. a todos os demais e não menos importantes: Angelo Gonzalez, Vivianne Ramos (bizunga querida!), Arysa Souza, Ítalo Oliveira, Yuri Barreto, Camila Paranhos, Maria Paula Almada e os demais, pela troca de experiências e principalmente pela verdadeira amizade construída.

Aos amigos de Sindimed: Ney Sá, Francisco Magalhães, José Caíres, Nautília Machado e demais funcionários, pela experiência e aprendizado.

Aos mestres, pelo conhecimento jornalístico e amizade, especialmente Fernando Conceição, Mauricio Tavares, André Setaro e Washington Souza Filho.

A Lédio Carmona pela oportunidade ímpar, aos amigos de Tempo Técnico e demais amigos blogueiros que através do Receptáculo tive a honra de conhecer.

Aos twitteiros que me aguentam todos os dias, especialmente à turma do

Asza, Leonardo Macário (@Leoeki), Zuba Ortiz (@zuba_ortiz), Tatiana Bertolino (@_tatib), Carol Cruz (@loli_cruz), Newnton Sanches (@newntonsanches) e Edimário Duplat (@edimario)

À tia Graça Lobo, pelas orações e a Carol pelo afeto e empréstimo da mãe querida.

À Alana Cafezeiro, flamenguista mais querida, pelo carinho imensurável e incentivo mais que necessário na reta final.

À Sandra Caroline por confirmar que para o amor não existe distância

À Fernanda Varela, pelo amor irrestrito e tia Rosana por todo afeto;

À Anna Larissa, meu porto-seguro, pelo amor-irmão;

À minha madrinha Sinai Moura, pelo eterno carinho;

À minhas primas, Silvia, Scheila, Isamara, Louise, Lorena, Larissa, Vitória e Ana Clara (companheira de todas as horas), queridas irmãs de um filho único, assim como o pequeno Denzel;

Aos meus tios, Raimundo, Roberto e Ricardo, pelo exemplo de grandes homens, honestos e íntegros;

À minha tia Bárbara, pelas risadas e eterno incentivo;

À minha mãe Zani e a minha avó Aida, por tudo;

Ao meu saudoso avô Manoel, por ter me passado a paixão pelo futebol e por tudo o que representou para mim;

E infinitamente muito obrigado, a todos que de alguma forma estiveram e estão envolvidos na minha história. Pessoas das quais creio também serem merecedoras de estarem nestas linhas: Louise Lobato (e todo seu amor!); Relber Judson, Layz Costa, Fernanda Caldas; Davi Boaventura; Inês Caroline; Taciana Gacelin, Carina Gazzar, Juliana Souza, Juliana Montanha, Wendell Wagner, Rebeca Bastos, Jane Evangelista, Jorge Gauthier, Anderson Sotero, Renata Freitas, Bárbara Lisiak, Renato Cordeiro, Ticiani Bicelli. A sempre atenciosa equipe da assessoria de comunicação do Ministério Público Estadual, promotores, diretores de organizadas, pesquisadores e demais fontes. Giovandro Ferreira Marcus, Lia Seixas, Valter e Eduardo. Breno Fernandes, Felipe Paranhos, Emerson Nunes, Raul Monteiro, Guilherme Zwetch, Rafael Santana, Lucas Fróes, Diego Mascarenhas. Mariane Santos, Mário França, Angelino Souza, Manassés, Jader Marcel, Moari Castro, Michele Calazans, Nathália Vilas Boas. Moacir Maia, Tército Peralva, Suian Letícia, Diego Castilho, Fernando Serra,

Diego Martins, Carlos Silva Rocha, Leiliane Maia, Everton Dom Cajado, Edgar Manoel, André Luis Figueiredo, Hildenato Oliveira Jr., Anderson Aguiar, Alan Freitas, Bruno Teles, Danilo Teles, João Gabriel Araújo (que mesmo no céu, vive!), Laudemir, Aniverson. Carlos Lobo, Mairam Lobo, Nilzete Aquino, Rose e Cesinha, Nirinha, Dona Dizú, Vera, Dona Mariá, Marieta, Dona Maria. De onde quer que estejam, Beata, Neném e vó Bil, todas eternas em nossos corações. Por fim, aos amigos que já encontrei ao nascer, pela ajuda na minha formação; e todos, ainda que não citados, que nestes 23 anos sempre fizeram questão de deixar claro que estavam presentes sempre que necessário. A vocês, responsáveis por um pedaço desta vitória, o meu sincero muito obrigado.

O futebol é um jogo. Nada, além disso. Deve ser tratado como diversão,
não como guerra. O adversário não é inimigo, apenas torce por outro

time

Denis Gavazzi

“Solo hay una cosa en la vida que no se puede cambiar. No se puede
cambiar de la pasión”

El secreto de sus ojos, sobre a paixão pelo futebol

Pesquisa/ produção/ redação: Eric Luis Carvalho
Revisão: Anna Larissa Gomes Falcão
Diagramação: Eric Luis Carvalho
Capa/fotos: Eric Luis Carvalho
Projeto gráfico e finalização: Marllon Souza Oiteiro



UFBA - FACOM
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
2010.1
SALVADOR - BA